# A CLASSE ☭ OPERARIA

JORNAL DE TRABALHADORES, FEITO POR TRABALHADORES, PARA TRABALHADORES

Anno 1 — Numero 7 | Rio de Janeiro, 13 de Junho de 1925 | Publica-se aos sabbados


## AINDA E SEMPRE

Tudo quanto dissemos aqui, a vez passada, relativamente aos trabalhadores ferroviarios, portuarios e outros, de S. Paulo, cujos interesses se acham ligados á solução do problema da S. Paulo Railway, tudo aquillo póde ser applicado a todas as demais categorias de trabalhadores de todo o Brasil.

E não encontrariamos um outro melhor exemplo, para insistir no assumpto, do que esse que nos offerece a visita da missão norte-americana de commerciantes de café. A missão é composta de representantes do capital yankee interessado no commercio de café e veiu ao Brasil combinar seus interesses com os interesses dos fazendeiros de café brasileiros.

Está mais do que sabido que o café constitue a base da economia brasileira. Sabido é, igualmente, que os Estados Unidos são o paiz que mais compra o café brasileiro. Este intercambio attinge a cifras expressas em milhões de saccos e milhões de contos. E' um caso sério. Dahi, que os poderosos norte-americanos tenham abalado até cá, a entender-se directamente com os fazendeiros de São Paulo.

A tarefa não parece difficil. Elles lá se entendem entre si muito bem. Na recepção offerecida á missão pelo Instituto de Defesa Permanente do Café, em S. Paulo, disse o representante dos fazendeiros paulistas: "Devemos, portanto, entender-nos muito bem, visto os nossos interesses serem convergentes". Com o que concordou plenamente o representante do capital yankee, pondo a questão em termos ainda mais incisivos, com a declaração de "que, no fim de contas, nada mais somos (os fazendeiros do Brasil e os torradores da America) do que socios de uma vasta-empreza" empenhados no "completo desenvolvimento de um mesmo interesse".

Perfeito. Mas não só. O mesmo orador americano fez questão de esclarecer-nos inteiramente, frizando a "necessidade essencial de coordenação e cooperação entre todos aquelles que se relacionam com a questão do café, *desde o fazendeiro até o ultimo distribuidor...*". Mais que perfeito.

Só não são levados em conta, nesse negocio, os interesses dos colonos e trabalhadores das fazendas do café nem os interesses da massa de consumidores americanos. Os grandes fazendeiros, no Brasil, e os grandes torradores, na America, "socios da mesma vasta empreza", não são mais que algumas centenas de individuos. Os colonos e trabalhadores brasileiros e os consumidores americanos do café são, porém, milhões e milhões.

No entanto, o de que se cuida é apenas dos interesses de algumas centenas, sem se indagar siquer dos interesses de milhões e milhões.

Mas por que?

E' evidente, axiomatico, mas é necessario repetir: porque esses milhões de trabalhadores estão desorganizados, não se entendem entre si, ao passo que aquelles poucos centos de fazendeiros e capitalistas estão organizados, são "socios da mesma vasta empreza".

A conclusão final ha de ser sempre a mesma: só organizados podem os trabalhadores, que são milhões, defender convenientemente seus interesses, na questão do café como em todas as demais questões.

## Classe e corporação

Se applicamos uma palavra para exprimir um orgão do corpo e applicamos a mesma palavra para exprimir o corpo inteiro, fazemos uma lamentavel confusão.

Se chamarmos classe a cada grupo de trabalhadores, então que nome applicaremos á totalidade dos trabalhadores?

Chamar de classe a cada corporação é o mesmo que chamar de corpo humano a cada um dos orgãos do corpo humano, como o coração, o cerebro, o estomago...

## As edições da "A Classe Operaria"

A CLASSE OPERARIA acaba de editar dois folhetos de propaganda.

Um é "O canto immortal dos trabalhadores". Contém os versos, a musica, a historia, os retratos e as biographias do autor da letra, do autor da musica e do traductor da *Internacional*. Custa 400 réis cada exemplar.

O outro é "Abre teus olhos, trabalhador!", para propaganda no seio das grandes massas. Custa 100 réis cada exemplar.

E' do interesse e é um dever para todo trabalhador — ler e propagar os livros que lhe falam a verdade.

Trabalhadores! Esgotae as edições da A CLASSE OPERARIA!

## NA COMPANHIA SOUZA CRUZ

Proseguindo a justa campanha pelos nossos direitos, nós, operarios e operarias da Companhia Souza Cruz, pedimos o auxilio do proletariado industrial e agricola afim de, mais cedo, conquistarmos a victoria.

### I — AS REGALIAS

A Companhia Souza Cruz, querendo dar uma prova da sua generosidade, concede-nos tres regalias: 15 minutos de parada ás 14 horas, um café e um maço de cigarros.

Vamos examinar de perto as tres regalias.

A parada é uma conversa. Em vez de sairmos ás 17 horas, saimos ás 17.15. Portanto, os 15 minutos são descontados.

Quanto ao café e ao maço de cigarros, são descontados no salario.

Eis o que vale a generosidade da Companhia Souza Cruz.

### II — OS MENINOS

Ha, trabalhando nove horas comnosco, muitos meninos de 12 a 13 annos. Existe um que ganha 1$ diarios.

Não ganhando bastante, almoçam laranjas, bananas e doces feitos commummente com ovos estragados. Vão enfraquecendo. E já se sabe o resultado...

Pobre mocidade proletaria!

### III — AS HUMILHAÇÕES

Certos meninos são esbofeteados pelos mestres. Ou, no melhor dos casos, levam puxões de orelha. Ha meninos e mesmo homens que são despedidos sem mais nem menos.

### IV — AS MULTAS

Por vezes, nas empreitadas, as operarias "matam" o trabalho. Isto tem varias causas como o cansaço e a comprehensão de que são exploradas. Pois bem: são multadas em 1$, e 2$000.

### V — A SUSPENSÃO

O operario, doente, falta um ou dois dias. Não póde participar á Companhia visto morar longe e não dispor de moços de recados... Pois, ao voltar, é suspenso por oito dias. Ha tambem suspensão quando o operario sáe á hora do almoço e não volta.

### VI — O ABSURDO E A EXPLORAÇÃO

No encarteiramento, a Companhia não quer que as moças trabalhem sem meias. Muito bem. Mas a Companhia não fornece as meias.

Prefere o operario portuguez ao brasileiro. Isto mostra o que vale o patriotismo dos Srs. Souza Cruz. Não contentes com explorar operarios brasileiros e portuguezes, criam rivalidades no meio dos trabalhadores, procurando dividil-os para melhor exploral-os. Os companheiros portuguezes não devem prestar-se a esse papel, prejudicando os interesses dos operarios brasileiros. Devem, pelo contrario, unir-se a esses ultimos e todos juntos fazerem valer os direitos. Os companheiros trabalhadores de côr devem tambem combater a exploração.

Cada um de nós tem a sua caneca para beber agua. Mas ella custa a cada um de nós, 2$000.

A operaria mora longe e não pôde entrar ás 7 horas. Muitas vezes o trem se atrasa. Chegando cinco minutos depois, a operaria ou volta para casa ou espera pelas 11 horas para fazer meio dia.

Além de tudo o mais, a tosse e a constipação nos affligem. Ha muitas companheiras anemicas.

### VII — NOSSAS ASPIRAÇÕES

São as seguintes:

(A) Economicas:

1ª Augmento de 1$ para todos os operarios e operarias: os que ganham 3$ passarão a ganhar 4$; os que ganham 5$ passarão a ganhar 6$; e assim por diante;

2ª Pagamento semanal — integral;

3ª Horario de oito horas;

4ª Horario de sete horas para as mulheres e os meninos;

5ª Não pagamento das regalias como o maço de cigarros e café das 14 horas;

6ª Salario minimo de 3$ para os meninos;

7ª Extincção das empreitadas;

8ª Extincção das multas;

9ª Nenhuma suspensão;

10ª Nenhuma demissão sem mais nem menos;

11ª Fornecimento de meias ás moças do encarteiramento;

12ª Restituição dos 2$ da caneca;

13ª Direito de nos atrazarmos cinco minutos.

(B) Politicas.

14ª Direito de livre associação — a salvo das perseguições;

15ª Direito de lermos e propagarmos o nosso jornal — dentro da fabrica;

16ª Nenhuma perseguição contra os membros do nosso partido.

(C) Economico-hygienicas.

17ª A construcção de villas operarias perto da fabrica, afim de não desperdiçarmos 17 e 19 horas no trabalho diario.

(D) Moraes.

18ª Demissão dos mestres que maltratarem os meninos.

(E) Intellectuaes.

19ª Usofruto de uma casa afim de, nella, instalarmos uma escola — de trabalhadores, creada e dirigida por trabalhadores, para trabalhadores;

20ª Subvenção do meio por cento dos lucros liquidos annuaes para a manutenção da escola.

Uma empreza que, á nossa custa, ganha annualmente 1.300 contos, póde muito bem tirar a insignificancia de 6 1|2 contos para com tal quantia educarmos os nossos filhos e os nossos companheiros analphabetos.

Por meio da organização esperamos transformar essas aspirações em realidade.

Portanto!

—Viva a União dos Trabalhadores em Fabricas de Fumo!

**Os operarios e as operarias da Companhia Souza Cruz.**

## Os tres partidos do Brasil

O partido republicano, subordinado ás varias denominações locaes (paulista, mineiro, etc.) é o orgão que dirige a lucta politica dos grandes proprietarios de terras — dos fazendeiros de café.

O partido socialista é o orgão que dirige a lucta politica da pequena burguezia — dos pequenos proprietarios, commerciantes e industriaes e de todos os elementos intellectuaes descontentes.

O partido marxista é o orgão que dirige a lucta politica do proletariado das cidades e dos [illegible]

Companheiro trabal[illegible] qual dos tres partidos [illegible]?

Toma uma resolução [illegible] é tempo!

## PARA RECEBER O SR. ALBERT THOMAS

Annuncia-se a visita, á America do Sul, do Sr. Albert Thomas. Visita official, pois o Sr. Albert Thomas é hoje uma personalidade importante no mundo burguez, ao qual serve devotadamente, em sua qualidade de director da Repartição Internacional do Trabalho.

Já os jornaes capitalistas teceram loas, entre nós, ao eminente *leader trabalhista*, com a só noticia de sua vinda até cá. Isto é symptomatico e... promissor.

O homem será, de certo, hospedado officialmente, destinando-se-lhe luxuosos aposentos no Palace, no Gloria ou no Copacabana. Virão os banquetes e os passeios. Discursos, arrotos e deslumbramentos.

O Conselho Nacional do Trabalho, com o elegantissimo Sr. desembargador presidente á testa, prestar-lhe-ha todas as merecidas homenagens, em nome do... trabalho nacional. O Sr. Albert Thomas, em nome do... trabalho internacional, falará, commovidamente, acerca da fraternal collaboração entre o lobo e o cordeiro, como preceitúa a repartição de que é director — á razão de 32 contos por anno. Etc., etc., etc.

*

Nós queremos tambem participar da recepção que se vai fazer ao Sr. Albert Thomas, *leader* da social-trahição mundial, servidor do capitalismo e do imperialismo, empregado na Liga das Nações...

A CLASSE OPERARIA conhece a vida do Sr. Albert Thomas e ha de lhe dar as boas vindas, como elle merece, e para que se saiba que nós não embarcamos na canôa furada de Genebra.



## NO MOINHO INGLEZ

Nós 1.650 operarios e operarias da fabrica de tecidos do Moinho Inglez, á rua 10, no Cáes do Porto, vimos chamar a attenção dos trabalhadores industriaes e agricolas sobre as irregularidades que se passam ahi.

### AS HORAS DE TRABALHO

Ha duas turmas. Uma trabalha das 18 horas, ás 6 da manhã. A outra trabalha das 7 da manhã ás 4 da tarde.

Os serões são communs. Quando os inglezes entendem, fazemos serão das 16 ás 18 horas. Este serão não é pago como extraordinario.

A turma de dia trabalha ora oito, ora 10 horas.

A turma da noite trabalha 12 horas. No primeiro caso, são 60 horas semanaes. No segundo caso, são 72 horas semanaes. As mulheres trabalham dez horas.

Eis ahi como os inglezes respeitam a lei burgueza que estabeleceu o dia de oito horas. A burguezia ingleza não cumpre, no Brasil, as leis da burguezia brasileira. A Inglaterra quer transformar o Brasil em uma especie de India.

### OS SALARIOS

Os operarios ganham 6$. As operarias, 7$. E os meninos, 3$000.

### O THEOPHILO N. 1

O mestre geral do serviço da noite, Sr. Theophilo, brasileiro, alia-se aos inglezes para melhor transformar o Brasil em uma colonia. Analphabeto, é um grosseirão de marca maior. Dorme das 20 1|2 horas ás 5 da manhã, abusando da confiança dos inglezes não cumprindo com sua obrigação. Tem uns 20 capangas de Merity e Penha. Taes individuos não trabalham.

Ha tempos estava um massaroqueiro a esperar sua vez á porta da "casinha". Theophilo disse-lhe que ali não era [illegible] estar vadiando (!)

No dia 2 [illegible] um delegado da União dos Operarios em Fabricas de Tecidos [illegible] Theophilo para communicar-lhe que os companheiros da secção da noite pediam para não serem obrigados a trabalhar no sabbado á noite, como o eram. Theophilo respondeu com máos modos, referindo-se com desprezo á nossa associação — a U. O. F. T.. E virou as costas. A massa da fabrica, offendida com tantos aggravos que já vinham de seis annos atrás, resolveu dar collectivamente, uma lição — o que fez no dia seguinte. A lição não foi maior porque, na hora da onça beber agua, Theophilo pediu por misericordia. A massa teve piedade.

Assim são todos os "valentes"...

Depois, Theophilo foi á União dizer que era socialista e que a lição fôra injusta. Choramingou como uma criança.

Prometteu pôr uma pedra sobre o incidente. Mas procurou demittir cinco companheiros dos mais conscientes — o que não conseguiu porque a massa apoiou os cinco, collocando-os á frente e assim penetrando na fabrica. Além de tudo, Theophilo deu parte á policia.

Eis ahi a quem os inglezes entregaram um cargo de responsabilidade...

### O THEOPHILO N. 2

E' o Sr. Ernesto Paula, mestre da sala de panno e candidato a mestre geral. E' brutal como o Theophilo n. 1. E tem, como Theophilo, outras "qualidades". Já subiu tres vezes as escadas da União para pedir perdão. E não se emenda. Envolveu-se na questão acima, instigando os inglezes a demittir os cinco companheiros da vanguarda.

### O THEOPHILO N. 3

E' o contra-mestre Carlos Gomes, da secção de carreteis. Este senhor teve a audacia de dizer que dava uma bofetada na cara de uma operaria carreteleira.

### NOSSAS REIVINDICAÇÕES

[illegible] zes nem de seus alliados brasileiros, estamos dispostos a luctar pelas reivindicações seguintes:

(A) Economicas.

1ª — Accrescimo de 40 % e não de 20 % para a turma da noite; 2ª, pagamento das duas horas extraordinarias —como extraordinario, isto é, com um augmento de 20 %; 3ª, oito horas de trabalho, tanto para a turma de dia como para a turma da noite; 4ª, horario de sete horas para as mulheres e os meninos; 5ª, augmento de 1$ no salario dos meninos.

(B) Politicas:

6ª, Nenhuma demissão; 7ª, direito de livre associação; 8ª, direito de lermos e propagarmos o nosso jornal — dentro da fabrica; 9ª, nenhuma perseguição contra os membros do nosso partido.

(C) Moraes.

10ª. Demissão do Sr. Theophilo; 11ª demissão do Sr. Ernesto Paula; 12ª, censura ao Sr. Carlos Gomes; 13ª, expulsão dos 20 capangas; 14ª, a maior consideração pelo nosso syndicato.

(D) Intellectuaes.

15ª, Usofruto de uma casa afim de, nella, instalarmos uma escola — de trabalhadores, creada e dirigida por trabalhadores, para trabalhadores; 16ª, subvenção de 1|2 por cento dos lucros liquidos annuaes para a manutenção da escola.

Unidos, dentro do nosso syndicato, como um bloco de aço indestructivel, porfiaremos, dentro da ordem e da lei... proletarias até á victoria.

Seja cada vez mais forte a União dos Operarios em Fabricas de Tecidos!

Para dentro dos syndicatos — 130 mil trabalhadores das fabricas de tecidos do Brasil!

**Os operarios e as operarias da fabrica de tecidos do Moinho Inglez.**

## PARA DENTRO DOS SYNDICATOS, 50 MIL TRABALHADORES DOS MARES E DOS RIOS DO BRASIL!

[illegible] com ordem, com methodo. Ordem proletaria contra a desordem burgueza...

Afim de podermos formular as nossas reivindicações e afim de encontrarem ellas o devido apoio dos trabalhadores das cidades e dos campos, vamos pôr os companheiros das outras corporações a par da nossa situação. Queremos, assim, crear uma opinião publica proletaria.

E, assim, seremos mais fortes, pois o proletariado não vencerá como corporação; só vencerá como classe.

*O MEMORIAL*

Em março apresentámos á Companhia Martinelli, á Commercio e Navegação, ao Lloyd Brasileiro, á Companhia Mattarazzo e á Navegação Progresso um memorial com as nossas reivindicações. Os directores e proprietarios dessas emprezas recorreram ás evasivas. Apenas, a Commercio e Navegação fez algumas promessas: que não foram cumpridas. O Lloyd disse que ia estudar. E ainda está estudando. E, daqui a cem annos, ainda estará estudando... Só a Navegação Costeira mantém os mesmos ordenados e a mesma hora de serviço. E não diminuiu o pessoal.

Ora, se a Costeira procede assim, por que as outras companhias não nos tratam do mesmo modo?

O patronato não ligou importancia ao memorial. Aliás, houve um erro de nossa parte: o memorial foi apresentado pela nossa vanguarda sem que tivessemos feito antes uma larga propaganda e agitação no seio da massa. Era mais um desejo da vanguarda do que a vontade das massas maritimas — concentrada numa direcção unica, com um objectivo unico: a victoria. Os erros do passado devem, pois, servir-nos de lição. Agora, não estamos mais dispostos a perder a batalha. Va[illegible] de, methodizo, de [illegible] organização, de propaganda e agitação, de disciplina e [illegible] tralização, no meio das vastas massas de trabalhadores dos rios e dos mares do Brasil. A CLASSE OPERARIA nos ajudará nessa obra? Contamos com o seu esforço.

Se A CLASSE OPERARIA não nos defender, quem nos defenderá? Ninguem. Se A CLASSE OPERARIA não nos sustentar, que jornal nos sustentará? Nenhum.

*OS SALARIOS*

Não precisamos exagerar a realidade. O marinheiro ganha 200$ mensaes no Lloyd. Nas outras emprezas ganha menos: 189$. O foguista ganha 215$ no Lloyd e 200$ nas outras. O taifeiro ganha 120$ em todas ellas.

Como vêem os companheiros das outras corporações, nosso salario chega a ser ridiculo.

*AS HORAS DE TRABALHO*

Não temos horario. Antes da gréve de 1921, tinhamos o dia de 8 horas. Perdida a gréve, o patronato caiu como uma féra em cima de nós. Isto mostra o perigo de uma gréve perdida. Mostra tambem que, na guerra de classes, não ha logar para a piedade.

Temos trabalhado quatro dias com quatro noites. O "Curvello", do Lloyd, atracou no dia 29 de maio e, a 2 de junho, á noite, ainda a mesma tripulação trabalhava.

No paquete "Ruy Barbosa" (nome fatidico para os trabalhadores), atracado ha uns dois mezes no armazem 10, os fieis do porão trabalharam 15 dias com 15 noites, dormindo apenas tres horas. E isto mesmo quando o "mestre" era camarada e não chamava o pessoal para fazer baldeação (limpeza do navio).

*A BALDEAÇÃO*

A primeira occupação do marinheiro é, como dizemos nós, "tomar café e molhar o pé".

Antes, a baldeação começava ás 6 horas da manhã e acabava ás 9 e 10 horas. Os navios andavam mais limpos. Hoje, o pessoal trabalha constrangido. O navio anda menos limpo.

A baldeação no paquete "Ceará" começa muitas vezes ás 3 horas da madrugada. Já tem começado á 1.

*A REDUCÇÃO DAS GUARNIÇÕES*

Em todos os navios do Lloyd, a guarnição foi reduzida.

No "Ruy Barbosa" (nome benefico para os pequenos burguezes, nome fatidico para os trabalhadores), a guarnição foi reduzida de 22 para 16. No "Bahia", o pessoal foi reduzido de 18 para 10. No "Ceará", a mesma proporção. E assim por diante.

Nos cargueiros pequenos, eramos 8 e 9. E, hoje, somos apenas 6. Nos cargueiros grandes como o "Parnahyba", o "Mandu'", o "Ayuruoca", eramos 16. E somos 13.

Convém salientar que, em todos esses navios, os que ficaram estão fazendo o seu serviço e mais o serviço de dispensados.

*A SOLUÇÃO*

Dada uma situação destas, que nos espera?

A miseria!

Mas a corporação dos maritimos não póde deixar-se annquilar. Somos 50 mil homens. Os patrões são uma insignificante minoria. Cincoenta mil homens unidos são uma força colossal.

Assim, repetiremos um milhão de vezes a palavra de combate:

— Para dentro dos syndicatos, 50 mil trabalhadores dos mares e dos rios do Brasil! — **OS MARITIMOS DO RIO DE JANEIRO.**

## A IGUALDADE...

EM DEVERES — EM DIREITOS

## Estatistica fabril

### I FABRICAS DE TECIDOS DE ALGODÃO

Segundo informações particulares, ha 2.000 operarios na fabrica Alliança, 1.000 na Botafogo, 150 na Bochen, 600 na Bomfim, 1.600 na Corcovado, 1.800 na Carioca, 730 no Cotonificio Gávea, 2.834 na Cruzeiro, 1.920 na Confiança Industrial, 810 na Esperança, 831 na Santa Heloisa, 1.600 na Mavilles, 1.100 no Moinho Inglez, 3.000 na Progresso Industrial, 510 na Rio de Janeiro e 200 na S. João.

### II LINHO

Ha na Sapopemba 1.006 operarios.

### III LÃ

Ha 200 operarios na Aurora, 200 no Lanificio, 503 na Botafogo, 100 na Bom Pastor, 56 na Covilhã, 180 na Minerva, 130 na Manchester, 100 na Tijuca, 120 na Nossa Senhora da Victoria, 90 na Nossa Senhora da Gloria, 73 na Babylonia e 100 na Maracanã.

### IV DUAS PERGUNTAS

Perguntamos aos companheiros de cada uma destas fabricas:

Estarão certos esses numeros? E quantos operarios organizados existem em cada uma dessas fabricas?

## TESTEMUNHO INSUSPEITO

Ainda está na memoria de todos a resposta, verdadeiramente memoravel, com que a Ingleza retrucou aos ferroviarios, que lhe pediam um augmento nos salarios. Isto aconteceu muito recentemente, e nós aqui já fizemos mais de uma referencia ao movimento grévista tentado, em Santos, pelos trabalhadores daquella poderosa empreza, e logo suffocado, em complemento á resposta famosa.

A resposta é inesquecivel: a empreza só podia fazer um augmento de um vintem por hora no salario de cada trabalhador, porque mais lhe não permittia a precaria situação financeira da companhia... Poucos dias a seguir, toda a imprensa publicava telegramma de Londres, segundo o qual os lucros liquidos da Ingleza haviam montado, em 1924, a 36.000 contos. Que precariedade!

Mas o caso não é singular. Elle é mesmo de regra. A resposta de todo patrão é quasi sempre a mesma, quando seus empregados reclamam augmento nos salarios: as precarias condições financeiras não permittem, no momento, nenhum accrescimo nos salarios...

Ainda agora vemos multiplicar-se, pelo paiz, uma serie de pequenas paredes, motivadas pela carestia insustentavel, e os patrões, mau grado as mais que justas reclamações de augmento, a recalcitrarem, obstinados, apegando-se aos taes motivos de precariedade financeira.

Ora bem. Aqui temos á vista um precioso e insuspeitavel testemunho, dado em relação a este assumpto. Trata-se da opinião — autorizada opinião, pois não é? — de Mr. Ernest Hambloch, secretario commercial da embaixada ingleza no Rio. Encontramol-a na traducção, que acaba de ser aqui publicada, do ultimo relatorio sobre as "Condições economicas e financeiras do Brasil", enviado ao governo britannico, o anno passado.

Referindo-se á situação da industria brasileira, escreve Mr. Hambloch, textualmente: "Está verificado com segurança que os seus lucros annuaes (dos accionistas e donos de fabrica) são de 50 % e em alguns casos, mais".

[illegible] E' categorico, peremptorio, solido.

De resto, a prosperidade dos ricos é coisa mais que visivel, assim como visibilissima é a apertura dos pobres. Mas vale a pena invocar a autoridade de um homem como Mr. Hambloch, para edificante illustração dos motivos a que se apegam os patrões quando desattendem ás reclamações de augmento que lhes são feitas...

## AOS NEUTROS

Ha companheiros que têm horror á politica e se dizem neutros em tal assumpto. Pura illusão.

Quando o trabalhador, no syndicato, luta pelo augmento de salarios, está servindo a uma determinada politica — á politica economica do proletariado.

Quando um trabalhador combate a Russia, está servindo a uma determinada politica — á politica da burguezia, que deseja a quéda do primeiro governo proletario do mundo.

E os que não votam pela burguezia nem votam pelo proletariado e, assim, se julgam neutros, estão ainda servindo a uma determinada politica — á politica da burguezia, pois que não votando pelo proletariado servem os interesses da burguezia.

## NOSSA OBRA

Toda a obra immediata que temos a realizar póde ser resumida nos pontos seguintes: 1º, conquistar as sympathias da pequena massa operaria, organizada dentro dos syndicatos; 2º, disciplinal-a, unifical-a; 3º, conquistar as sympathias da grande massa operaria não organizada; 4º, organizal-a; 5º, conquistar as sympathias da immensa massa de trabalhadores ruraes — caboclos dos engenhos e das usinas, seringueiros, vaqueiros, colonos-servos das fazendas de café, pequenos rendeiros, meeiros, terceiros; 6º, organizar esta massa, disciplinal-a, unifical-a; 7º, soldar o operario com o trabalhador dos campos na lucta da classe dos pobres contra a classe dos ricos; 8º, neutralizar a pequena burguezia e todos os elementos intermediarios — quitandeiros, lojistas, empregados, intellectuaes pobres, pequeno varejo, pequeno e médio funccionalismo.

Portanto, a nossa actividade deve concentrar-se: em 1º logar, sobre o operario dos grandes centros industriaes — Rio e S. Paulo, e, depois Recife, Bahia, Juiz de Fóra; em 2º logar, sobre o operario dos centros industriaes de segunda e terceira categorias — Porto Alegre, Campinas; em 3º logar, sobre o trabalhador dos campos; em 4º, sobre a pequena burguezia.

## Aos trabalhadores das fazendas de café

Pedimos aos companheiros trabalhadores das fazendas de café que nos escrevam communicando seus salarios, as horas de trabalho, os soffrimentos e as aspirações. Não se importem com os erros de grammatica.

# Na Companhia Cantareira

## O caso do ex-marinheiro Nicodemos Mendonça

Felizmente não temos semeado em terreno esfaro. O movimento de sympathia que os camaradas da Cantareira vão, dia a dia, manifestando pela A CLASSE OPERARIA, é bem um symptoma do despertar de energias que estavam adormecidas. Isto, porém, não basta. E' preciso que todos se convençam da necessidade de se organizarem, e, procurando os syndicatos já existentes ou mesmo fundando novos, estabeleçam pontos de reunião onde possam trocar idéas, formular um programma de reivindicações e estudar os meios de pol-o em execução.

Ao syndicato, camaradas

No dia 20 do mez passado os jornaes burguezes relataram o attentado de que foi autor o ex-marinheiro da Companhia, Nicodemos Mendonça, contra as pessoas do mestre geral Manoel Costa e do chefe do movimento Roberto Gomes.

Como era de esperar, as respectivas noticias pintaram um quadro de tragedia em que a figura do marinheiro teve impetos de féra ante a mansidão de cordeiro dos dois chefes.

Entretanto, eis o facto, tal qual se passou:

A Companhia mantém de promptidão, na ponte central de Nitheroy uma turma de operarios, para todo e qualquer serviço que appareça. O seu horario é o seguinte: entrada, ás 6 da manhã; saida, a hora que entenderem os chefes de serviço; tanto póde ser ás 6 da tarde, como ás 9 ou 11 da noite. E' tão suave o serviço dessa turma, que ella é apellidada — a *turma do pega-boi*.

O marinheiro Nicodemos estava ha já algum tempo destacado nessa turma quando se resfriou em trabalho, sendo por isso obrigado a faltar dois dias consecutivos. Como, porém, se tratasse de enfermidade ligeira, julgou desnecessario procurar o medico da Companhia e limitou-se a tomar uns chás caseiros. Melhorando, compareceu á presença do mestre geral Manoel Costa, que o interpellou asperamente sobre o motivo de suas faltas. Nicodemos explicou o occorrido, mas o mestre, não se conformando, vociferou durante alguns minutos e acabou por suspendel-o.

Victima, assim, de tamanha injustiça, o camarada redarguiu:

— Mas, que fiz eu para ser suspenso? Então é crime ficar-se doente? Não! Não acceito a suspensão! Prefiro despedir-me. O senhor mande tirar a minha papeleta, que me vou embora.

— Pois vá!

E o mestre Manoel Costa mandou fazer as contas de Nicodemos.

Mais de uma semana andou o camarada á cata de trabalho, sem nada conseguir. No fim desse tempo lembrou-se da Secção de Locomoção desta mesma companhia, onde já estivera empregado, e para lá se dirigiu. Procurou o engenheiro Mario e pediu-lhe trabalho. Este, depois de saber que elle havia se despedido da Secção Maritima, respondeu-lhe:

— Pois bem, eu posso dar o logar que V. já aqui occupou, mas é preciso que V. traga um attestado da Secção Maritima.

Diante disto Nicodemos procurou o mestre geral Manoel Costa, que tem exercicio em Nitheroy, e pediu-lhe o attestado. Este ouviu-o e declarou:

— Mas essa cousa de attestados não é commigo. E' com o chefe do movimento.

Nicodemos apanhou a barca e veio á Capital, onde tem exercicio o Sr. Roberto Gomes. Repetiu a este o pedido e ouviu como resposta:

— Não é commigo; é com o mestre geral.

— Mas de falar com elle venho eu — redarguiu o camarada.

— Não importa! Volte para Nitheroy e entenda-se com o Manoel Costa.

Estava iniciado o *jogo de empurra*...

Nicodemos voltou e renovou o pedido ao mestre, que manteve a primeira affirmativa. No dia seguinte veio á Capital e tornou a falar ao chefe do movimento, que por sua vez não voltou atraz do que dissera.

E durante uma semana, num vaivem continuo, de Nitheroy para a Capital e da Capital para Nitheroy, andou o camarada atraz do mestre geral e do chefe do movimento, a ouvir sempre evasivas e insolencias.

No fim desse prazo Nicodemos tomou uma resolução: sabendo que o Sr. Roberto Gomes vai almoçar em Nitheroy, onde reside, e costuma, de volta, fazer uma parada no escriptorio da ponte central, deliberou esperal-o a essa hora, para assim defrontar os dois chefes que o estavam fazendo andar de Herodes para Pilatos. E assim aconteceu.

No dia 20 de maio, estavam os Srs. Manoel Costa e Roberto Gomes palestrando no escriptorio quando ahi appareceu Nicodemos.

— Felizmente os encontro juntos e assim poderei decidir a qual dos dois compete dar-me o attestado de que preciso.

— E' a você, Manoel — disse o chefe do movimento, sorrindo.

— Não, E' a você, Roberto — redarguiu o mestre geral.

E começaram a fazer *pilheria*.

Nicodemos, sériamente aborrecido com a scena que se estava desenrolando, interpellou-os com severidade:

— Mas, finalmente... Os senhores decidem ou não? Reparem bem que eu não sou criança!

Então, o mestre geral resolveu declarar:

— Para falar com franqueza, nem eu, nem o Roberto podemos dar attestados. Você deve é requerel-o á directoria da companhia.

Era o supremo deboche

O camarada protestou:

— Pois então por que não me disseram isso ha mais tempo? Por que me fizeram perder tantos dias inutilmente? Por que me reduziram á triste condição de petéca?

— Ora, não amole! Requeira se quizer e se não quizer vá a *forma*.

Agora era o insulto!

Nicodemos exasperou-se e, sacando de uma pistola, gritou:

— Eu já lhes disse que não sou criança e isto precisa acabar! O que existe aqui é uma *panellinha* muito bem arranjada! E' necessario que um se sacrifique em beneficio [illegible]!

Por felicidade [illegible] bala encravou no cano [illegible] Nicodemos foi immediatamente [illegible] por diversos empregados [illegible].

Seguiu-se [illegible], prisão, etc., etc.

Eis ahi o facto, tal qual se passou.

Nicodemos só agiu violentamente depois de esgotar todos os recursos suasorios para obter o attestado de que precisava. Suas phrases — "O que existe aqui é uma *panellinha!* E' necessario que um se sacrifique em beneficio dos demais" — são bem significativas e exprimem a verdade.

De facto, Manoel Costa, ex-marinheiro e ex-mestre, e Roberto Gomes, ex-operario das officinas e ex-machinista da Companhia, são, como mestre geral e chefe do movimento, demasiado injustos para com os seus camaradas. Não se lembram elles de que occupam uma posição transitoria, da qual, amanhã ou depois, poderão ser despojados summariamente.

Os castellos são muito altos e tambem cahem...

MARINHEIROS DA C. C.

## JORNAES

Temos recebido numerosos jornaes do Rio e dos Estados com referencias lisonjeiras a nosso respeito.

A falta de espaço impede-nos de transcrevermos essas referencias.

Mas, de qualquer fórma, aqui fica o nosso agradecimento a todos.

## "A CLASSE OPERARIA"

Este jornal é, em primeiro logar, um orgão politico — a politica operaria, a politica da defesa dos direitos adquiridos e da conquista dos novos direitos; é um orgão para guiar os trabalhadores na sua lucta contra seus inimigos; é um orgão para mostrar que toda lucta economica é uma lucta politica, e vice-versa; é um orgão para mostrar que toda lucta economica e politica é uma lucta de classes, e vice-versa; é um orgão cuja preoccupação fundamental immediata é a organização [illegible] de trabalhadores do Brasil; é um orgão que mostrará a necessidade do partido operario para guiar toda a lucta proletaria. A CLASSE OPERARIA é isto e é muito mais.

Mas A CLASSE OPERARIA deve ser tambem um riquissimo repositorio de informações e dados estatisticos sobre a vida proletaria em toda a sua amplitude, em toda a sua profundeza...

Mas A CLASSE OPERARIA é um sorvedouro. Por isso, a palavra de ordem do trabalho immediato é a seguinte:

"Se queremos que A CLASSE OPERARIA viva, creemos um "Comité" em cada fabrica, officina, local de trabalho!"

Pelo interior do paiz e mesmo na ilha de Paquetá, é commum encontrarmos grandes blocos de granito. São os matacões ou boulders, ou monolithos. O Pão de Assucar, por exemplo, aqui tão perto, é um monolitho. Formemos, pois, um bloco inteiriço, um boulder de vontades conscientes em torno da A CLASSE OPERARIA.

O fogo na lareira proletaria estava apagando-se. O jornal é como um folle gigantesco de soprar, a avivar o fogo, a tornal-o cada vez mais vivo. Não deixemos que o folle desappareça.

Precisamos combater! Precisamos luctar! Precisamos vencer! Vencer!

# DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

## Districto Federal

### NOS TRENS

Rio, 6 de junho.

Constantemente os trens da manhã, da Central e da Linha Auxiliar se atrazam. Ainda hoje o trem das 7.10 em Mangueira chegou com um atrazo de mais de 45 minutos. A consequencia é que, em vez de chegarmos ás 8, ao serviço, chegamos ás 9. Consequencia: os encarregados e contra-mestres estrilam commosco. Isto, quando não perdemos o dia, voltando para casa no trem seguinte. — OS PASSAGEIROS OPERARIOS.

### UM CASO VULGAR

Rio, 3 de junho.

M. é pintor. Mora na rua da Alegria, distante do centro 30 minutos. Trabalha em Ipanema, distante do centro 55 minutos. Todos os dias acorda ás 5 para chegar ás 7 em Ipanema. São 4 horas diarias totalmente perdidas. São 24 horas semanaes. São 52 dias por anno. Quer dizer: annualmente, desperdiçamos 52 dias nos bondes, nos trens e nas caminhadas para o trabalho. Este é um problema sério que os deputados e conselheiros marxistas terão, um dia, de agitar com o apoio do partido, do jornal e dos syndicatos. — O CORRESPONDENTE OPERARIO.

### NA GAVEA

Rio, 8 de junho.

E' doloroso vermos os cubiculos cobertos de zinco onde estão morando os trabalhadores que constroem a estrada á beira da lagôa Rodrigo de Freitas. Essa estrada é uma obra de luxo. Prompta a estrada os trabalhadores serão jogados fóra como um bagaço. A CLASSE OPERARIA deve protestar contra esses cubiculos. — O CORRESPONDENTE OPERARIO.

### NA COMPANHIA MANUFACTORA DE BISCOITOS

Rio, 8 de junho.

Nesta companhia, situada á rua do Livramento, nós, seus 200 operarios e operarias, somos opprimidos de uma forma barbara.

Trabalhamos 10 horas diarias. Isto quando não ha serão. As operarias ganham 2$500, 3$500 e 4$000. São muito poucas as que ganham 5$000. Os operarios ganham de 6$ a 8$000. Só alguns é que ganham 9$000. De vez em quando trabalhamos 15 e 20 minutos depois da hora sem ganharmos um real.

Se perdemos um dia de trabalho, temos de apresentar attestado medico; do contrario perderemos o emprego.

O gerente, Joaquim, só sabe falarnos em tom aggressivo. O mestre geral, José, por qualquer descuido nosso, profere palavras obscenas. Não estamos dispostos a continuar nessa situação destas. — Os OPERARIOS E AS OPERARIAS DA COMPANHIA MANUFACTORA DE BISCOITOS.

### NA FABRICA DE LADRILHOS DA RUA VISCONDE NITHEROY

Das columnas do nosso jornal A CLASSE OPERARIA appellamos para os companheiros dessa fabrica para que cuidem um pouco mais dos seus interesses.

Não se comprehende que, nessa fabrica, com cerca de 200 operarios de ambos os sexos, se pratique toda a sorte de injustiças.

Esperamos que esses companheiros tratem mais a sério de seus interesses e se esforcem por divulgar a CLASSE OPERARIA. — FRANCISCO.

### NA FABRICA DE CHAPÉOS MANGUEIRA

Nesta fabrica trabalham mais de 200 operarios de ambos os sexos, inclusive menores.

Syndicato não têm.

As condições de trabalho são as peores possiveis.

A exploração das mulheres e crianças não tem limites.

Proximamente daremos informações mais detalhadas, esperando que A CLASSE OPERARIA, unico jornal dos trabalhadores, as divulgue o mais possivel. — F. P.

## Estado de S. Paulo

### EM SANTOS

Depois de 49 dias de exilio forçado venho, pelas columnas da A CLASSE OPERARIA agradecer aos amigos e companheiros de Santos o cuidado e a dedicação com que patrocinaram a minha causa que é, aliás, a causa da grande massa soffredora.

São actividades como esta, empregadas de solidariedade e auxilio mutuo, que animam e propulsionam a todos os militantes sacrificados pela causa da transformação social.

Que estes exemplos de solidariedade sirvam de estimulo aos novos e indecisos propagandistas.

Não posso esquecer tambem a acolhida sincera dos camaradas e irmãos de ideaes da capital do Estado.

Envio-lhes o fraternal abraço de saudação pela solidariedade prestada em meu favor. — C. LEITÃO.

### NA ARARAQUARENSE

Mirasol, comarca de Rio Preto, 28 de maio.

O nosso jornal chamou muito a attenção dos operarios daqui. Todos quantos leram o jornal gostaram muito. Este jornal é, de facto, o verdadeiro jornal dos operarios. — JOSE' ROTONDARE.

### PELO NOSSO JORNAL

Sertãozinho, 2 de junho.

Se mais não temos feito, não é por falta de propaganda. Temos procurado convencer um grande numero de trabalhadores sobre a necessidade e o dever de ajudar o nosso jornal, o nosso defensor e o nosso guia.

Por estes dias convocaremos uma assembléa geral para a eleição da nova directoria e tratar de uma subvenção para o nosso jornal entre os companheiros da Liga. — SOUZA LIMA.

## Bahia

### ENTRE OS TECELÕES

Bahia, 30 de maio.

Esta capital é um feudo maior que o Recife.

O proletariado ainda se resente da época de Yôyô e Yáyá. Muitos ainda tratam assim.

As corporações empossam as directorias com a presença do governador e missa no Bomfim.

Mas o jornal está sendo bem acceito. Ha 6.220 homens e mulheres nas nove fabricas de tecidos.

O sitio aqui é um facto. — O CORRESPONDENTE OPERARIO.

### O DESPERTAR DOS TRABALHADORES BAHIANOS

Maritiba, 18 de maio.

A CLASSE OPERARIA é, para nós, uma luz. Vamos angariar novos auxilios no seio dos operarios e operarias das fabricas de charutos.

### EM UM NUCLEO COLONIAL

S. Felix, 18 de maio.

Nós, ex-trabalhadores do nucleo colonial Ruy Barbosa (nome fatidico para os trabalhadores), vimos contar a exploração de que temos sido victimas.

Nosso salario era de 2$500, recebido por meio de vale, remido com 20 °|° de desconto no armazem obrigatorio.

Dirigimos ao delegado do Povoamento do Solo um abaixo assignado pedindo um augmento, o pagamento semanal e em moeda legal. Tendo conhecimento disto, o chefe do nucleo preparou outro papel e queria que assignassemos sem ler.

Recusámos. Fomos despedidos. Estando em nossos lares, fomos presos pelo chefe, á frente de [illegible] soldados que, de armas em [illegible], nos escoltaram. Curioso: nós [illegible] reclamavamos um direito concedido por lei, eramos presos illegalmente pelo agentes da legalidade. O proprio burguez é o primeiro a desrespeitar suas leis...

Atravessámos as ruas escoltados como criminosos. Eramos oito. Fomos mettidos num quarto escuro. O mais perseguido foi o companheiro Rufino Gonçalves só pelo facto de explicar-nos os direitos que nos assistem.

Presos, fomos coagidos, no paço municipal de S. Felix, perante o delegado, o escrivão e o chefe do nucleo, a assignar um documento.

Durante o tempo que trabalhámos no nucleo só vimos o chefe tres vezes no maximo. Viviamos entregues a feitores [illegible]. — OS EX-TRABALHADORES DO NUCLEO RUY BARBOSA.

## Espirito Santo

### O JORNAL E OS EMPREGADOS NO COMMERCIO

Victoria, 2 de junho.

Em virtude da magnifica feição material e do intelligente methodo de estudar todas as questões que se relacionam com os nossos interesses de trabalhadores, temos conseguido que os proletarios de Victoria se interessem pelo nosso jornal. Estudamos as possibilidades de levarmos a effeito um trabalho mais proveitoso não só para o jornal como para a organização. Entretanto, temos de luctar com os obstaculos locaes.

Os trabalhadores organizados são ainda uma minoria. No emtanto, com a divulgação do jornal, a maioria desorganizada comprehenderá facilmente a necessidade de defender-se. Tentámos interessar, por meio do jornal, os empregados no commercio, que aqui são desorganizados. Verificámos a indifferença delles pela sua libertação, allegando, como todo pequeno burguez, que não é operario. Coitados! Ainda não comprehenderam que o capitalista lhes metteu no cerebro esse preconceito e procura fazer com que elle não desappareça unicamente porque nisto tem interesse.

Quando essas victimas da exploração mais descabida, que são obrigadas a usar gravata sem poder, quererão conhecer a sua verdadeira condição de proletarios? — O CORRESPONDENTE.

## Alagoas

Maceió, 28 de maio.

O diario "Gazeta de Noticias", em sua edição de 23 do corrente, traz um appello ao governo do Estado no sentido de agir contra a ganancia commercial e empregar medidas que venham suavisar a situação de miseria em que se debate o proletariado. Nesse appello publica um orçamento da despeza diaria de um chefe de familia que sustenta cinco pessoas, ganhando 5$ diarios, havendo no balanço um apreciavel "deficit". Note-se que a despeza se restringe sómente ao café da manhã e ao jantar, que é como se alimenta actualmente o proletariado por obra e graça da sociedade capitalista. Se juntarmos a essa despeza o aluguel do casebre, luz, agua, roupa, remedios, etc., chegaremos a uma despeza duas vezes maior á receita.

Finalizando o referido appello, a "Gazeta" diz esperar do governo do Estado medidas energicas para minorar a afflictiva asphyxia da população. Santa ingenuidade!...

O que a "Gazeta de Noticias" devia dizer era que os deshordados ganhando 2$500 ou 3$ diariamente, estão neste duro dilemma: lucta pela libertação "ou morrer de fome".

Esta situação não póde perdurar por mais tempo. Por mais apathico que seja o proletariado, a situação é insustentavel.

São as chamadas "classes conservadoras" que estão dando causa ao povo trabalhador para uma agitação contra a carestia da vida. A questão é, o começo...

[illegible]-se o proletariado, organize-se em syndicatos de resistencia ao patronato, que a burguezia alagoana ha de recuar.

O pé, ó victimas da fome! — J. NICODEMUS.

## Rio Grande do Norte

A vida do trabalhador rural neste Estado é positivamente um verdadeiro martyrio.

Nas cidades ou villas do interior, [illegible] em Touros, Petinga, Mipibu', [illegible], etc., ainda se passa regularmente em relação aos que trabalham nos campos, sujeitos ao chicote do "feitor" ou directamente dos proprietarios das terras.

Ahi os soffrimentos dos pobres vão além [illegible] imaginação.

O pr[illegible]rio tem direito sobre a vida e [illegible] morte dos seus locatarios: de quem arrancam tudo quanto podem.

Nos engenhos, mesmo que o trabalhador não seja "cassaco" (nome dado aos que trabalham unica e directamente para o senhor), gozam de uma relativa regalia, conforme veremos abaixo: pagam o fóro annual correspondente a 50 °|° da sua producção bruta, além da taxa de locação, que é abrigatoria mesmo quando não haja colheita. Esta taxa póde ser paga em dinheiro ou trabalhando dois dias por semana no "eito", durante o anno.

Da colheita o pobre trabalhador espera as vantagens dependentes de varios factores: 1º, se houver chuvas para que a terra produza alguma coisa; 2º, se obtendo o primeiro factor, as lagartas, os gafanhotos, as formigas, etc., usarem de certa clemencia, poupando-lhe algum fructo dos seus sacrificios; 3º, se conseguido os dois primeiros factores, não sobrevierem o impaludismo, as sezões, as febres, etc. Depois de vencidos estes e outros obstaculos occasionaes, vem a colheita. Toda a canna só poderá ser moida no engenho do patrão; este, depois de apurar o assucar produzido pelo locatario (denominado "lavrador"), divide, á vista do mesmo, as partes que a cada um vae tocar; sendo que a metade bruta da producção é do "senhor"; da outra metade este ainda tira uma parte calculada para as despezas da moagem da canna e depuração do assucar, ficando no maximo 1|4 da producção para o "lavrador".

Esta parte será encaminhada pelo "senhor", para os grandes depositos, onde (na ausencia do "lavrador") é vendido por qualquer preço.

De volta o "senhor" chama o lavrador (que não viu nem teve conhecimento das transacções feitas com a sua parte), e dá-lhe o que bem entende, como lucro bruto do seu trabalho, do qual terá de pagar o respectivo fóro e taxa (aluguel das terras).

Finalmente, o trabalhador passou todo o anno trabalhando sem descançar, para, no fim, ficar sem nada para comer quando vem a secca.

Em Carahúba, Pão dos Ferros, Apody, etc., a principal alimentação nas épocas de grandes colheitas, é o angú de fubá de milho, o mungunzá, o pirão de farinha de mandioca; algumas vezes com carne de sol (carne verde, depois de secca pelo calor do sol), com o café de mangériоba (fedegoso), com macacheira (aipim), ou batata doce, cará do matto, etc. Tudo isto dividido em duas unicas refeições por dia.

Instrucção primaria, nenhuma.

Direito de associação, desconhecido. As unicas reuniões que assistem, são as missas uma vez por mez... — JOSE' ALVES.

## NOSSAS FALHAS

Uma das falhas do nosso jornal é não ter ainda se occupado dos trabalhadores do Acre, do Piauhy, do Maranhão, do Ceará, do Paraná, de Santa Catharina, de Goyaz e de grande parte de Matto Grosso.

Pobre proletariado isolado do movimento nacional e internacional!

Mesmo sobre o Rio Grande do Sul, temos falado muito pouco.

Que fazer?

Escrevemos para varios endereços de companheiros daquelles Estados. Apenas, de algum ou outro recebemos resposta por vezes resposta negativa como a do Ceará. Pobre proletariado do Ceará! Da maioria, não recebemos resposta.

Mesmo na capital da Bahia só agora é que começamos a penetrar e isto devido ao sacrificio pessoal de dois companheiros.

Não podemos d'aqui, do Rio, estar a escrever sobre trabalhadores cuja situação particular ignoramos: Repugna-nos fazer "fitas". Não somos chantagistas da opinião publica. Este aqui é um jornal serio.

## Aos professores primarios do interior

Chamamos sua attenção sobre o artigo de Ponomarew publicado no n. 6, da A CLASSE OPERARIA. E pedimos a fineza de se interessarem pelo jornal junto aos pais dos alumnos. Pagar-lhes-hemos os esforços, defendendo-os e sustentando-os.

# DIARIO DE UM SAPATEIRO

Como de costume, pulei da cama ás 5 horas. A cerração estava cruel: quasi não se enxergava nada á distancia. Uma gallinha do visinho cacarejava no terreiro.

Minha mulher Fortunata, já estava fazendo o café e arrumando a "bóia", na latinha de manteiga. Emquanto isso, eu fui lá fóra, botei a cabeça debaixo da bica e esfreguei a cara; depois, lavei os pés, pondo um de cada vez na beira da tina, que havia ao lado.

Estava prompto. Agora, era engulir o cafésinho, apanhar a "trouxa" e dar o fóra...

— Mulher, até logo.

— Até logo. Dize "adeus" a teu pai, meu filho.

E o meu garoto, já de pé, sacudiu a mãozinha, dando uma risada.

— Só isto me dá folego para ser esfolado 8 horas e receber 8$000! Pensei e sahi, chispando, para pegar o "mixto".

— Puxa! Gente p'ra burro! Mas eu me ageito aqui, neste forro.

E enganchei.

Depois de aguentar muito solavanco, cheguei á estação. O trem já ia embora. Saltei e fui correndo atrás, fazendo um bruto barulho com os tamancos nos calçamentos. Valeu a pena: peguei o carro da "rabada". Fui agarrado á plataforma, por não haver mais logar.

— Quem é bom já nasce feito! — gritei, victorioso, para um companheiro, que correu muito, mas o trem correu mais...

O expresso parou no Engenho Novo. Depois, foi uma carreira só: estava na Central. Até que emfim!

Sacudi o carvão da roupa e azulei para ver se passava na frente do suburbio, que apitou no tunel. Passei; fui feliz.

Na rua, afinal! Agora é caminhar. Andei, andei, dobrei esquinas, virei á direita, virei á esquerda e prompto: entrei na fabrica ainda cinco minutos antes da hora.

— Agora, meu amigo — disse eu commigo — é pegar firme e tocar p'ró pão"!

A's 7, o mecanismo da fabrica poz-se a mover. Toda aquella engrenagem complicada: rodas, correias, tornos, machinas de cortar e furar, machinas de coser, estava entregue a uma legião de operarios. A conversa, que instantes antes se ouvia, cessára por completo. Só se escutava o giro das rodas, movendo as correias. Tinha começado o trabalho de todo o dia...

A's 16 horas, as correias deixaram de mover-se. Era hora de ir-me embora. Trabalhei como um mouro. Cozi 52 pares de calçado. E os meus tamancos pedindo outros! Esta vida é um buraco! Emfim, não sou eu o unico. Milhões e milhões de trabalhadores do mundo inteiro, fazendo o maximo de producção por dia, não têm o minimo para viver um mez!

Quem sabe, se houvesse união, esta "joga" se acabaria?

Quando eu ouço falar na Russia, fico enthusiasmado. Aquillo é que é paiz! Lá quem manda é o operario, o camponez. O dono da producção é o que produziu. E' mesmo uma belleza!

Por que se dá isto na Russia?

E' porque o pessoal de lá é "de facto". Uniu-se e libertou-se. Por que não se dá o mesmo no Brasil? Por falta de união; por não haver consciencia de classe; porque o operariado daqui é desorganizado.

Companheiros! E' necessario que nos organizemos tambem. Eu sou um que estou disposto a pegar no "pão furado" para me libertar do patrão que, além de me explorar, me passa, por qualquer coisa, uma "espinafração".

Trabalhadores do Brasil! Emquanto vocês não se convencerem de que o "negocio" só vai á força, a nossa vida não póde melhorar: não passaremos de escravos permanentes.

Camaradas, sejamos solidarios! O Partido Operario do Brasil, nosso commandante, abre-nos as suas fileiras.

Entremos para ellas!

FIRMINO SILVA

# NOSSO CORREIO

**Aos collaboradores** — Os artigos devem ser curtos e syntheticos. Deve haver nelles uma grande condensação de factos e numeros. Quando o assumpto for importante, escrevam uma serie de artigos curtos, de quatro tiras, até esgotar o assumpto.

**Octacilio Gama** — Já iniciaram a penetração do jornal nas grandes fabricas de tecidos? O governador telegraphou-nos communicando que o volume nunca fôra procurado. A idéa que ficámos fazendo é que vocês tiveram medo da propria sombra, se deixaram levar pelo pavor pequeno burguez do ambiente.

**Alvaro Teixeira** — Não vendam o jornal a 200 réis.

**Joaquim Branco** — Não sabemos seu endereço exacto.

**D Maria Ferreira** — Neste momento é anti-politico (politica proletaria) occupar-nos de taes assumptos. A massa não comprehenderia... Aliás sua critica é muito fragil: é uma critica pequeno-burgueza e não uma critica proletaria. Suas tendencias moraes e especialmente intellectuaes (theosophia, verbalismo, etc.), são caracteristicamente pequeno-burguezas. Como se diz curiosa em conhecer religiões e philosophias, recommendámos-lhe a leitura de "Russia Proletaria", de Timotheon, de D'Holbach no "Systema da natureza", de Buchner em "Força e materia", e especialmente de Engels no Anti-Duhring e de Bukharine no "A. B. C. do communismo" (edição franceza). Perguntamos-lhe o que faremos dos 5$. Comprehenderá a intenção das nossas palavras?

**Mendonça Bomfilho.** — V. nos enviou 70$, que já recebemos. Mas o total da lista importa em 80$. Por isso, supprimimos os dois ultimos subscriptores — você com 6$ e José Martins com 4$000.

**Aron** — Pela segunda vez o convidámos. O caso é serio e não admittimos negligencia.

**Joaquim Delgado!** — E' necessario que faça o jornal penetrar na União.

**Manjon** — E a photographia do escravo?

**Pedro José Cardoso e Antonio A. F. da Silva** — Estão isolados do partido e isto é inadmissivel. Appareçam.

**Ernesto Brasil** — Lamentamos que recuse auxiliar-nos. E' inadmissivel collocar o idéal libertario acima dos interesses dos trabalhadores. Perca toda esperança: não voltaremos ao passado. Os rios não retrocedem: vão em busca do oceano revolto...

**J. Nicodemus** — Ha confusão sua: a nova etapa não é libertaria. Sobre A. e Salomão: continuam na lucta apezar de, na hora da vazante, ter sido abandonados por você.

**Augusto Carino** — Agradecemos sua carta de 1.

**Sergio Nogueira** — Vendam o jornal a 100 réis. Enviámos 50.

**Abelardo** — Sciente. Você e o Barros foram ao botequim e nem sequer descobriram a hora de saida da fabrica.

**Ar'stides** — Muito bem.

**Manoel Soares Junior** — Agradecidos.

**Hoepiner** — E' preciso fazer propaganda do jornal na sua associação. Enviamos os jornaes e a lista.

**A. de Omena** — Sciente.

**Agnus.** — Recebemos os 20$. Enviamos 300. E' estranho: temos recebido muitos vales com o nome em questão. Se houver duvida, ponha o nome de O. e mande para o endereço anterior.

**Samuel** — Cuervo precisa enviarnos semanalmente uma correspondencia em portuguez.

**José Rodrigues Chaves** — Recebemos os 16$. Combine com Cicero ou Nascimento para que lhe dêem o jornal para os assignantes, e formem um "comité" de propaganda.

**O. Athayde** — Precisa luctar até obter 100 leitores do jornal na bastilha onde trabalha. Appareça-nos.

**Souza Barros** — Temos difficuldade em ler suas cartas. Parecem um garranchal.

**Amaro Pedro da Silva e Manoel Antonio da Conceição** — Agradecemos os 50$. Não temos folhetos para os lavradores. Enviaremos 50 jornaes.

**Rufino e Eleutherio Santos** — Agradecemos os 62$. O "Abecedario" está esgotado. Estamos editando o "Abre teus olhos", e enviaremos, em breve.

Recebemos os 20$. Dê um jornal, dos que enviamos, a Ubaldino Francisco Alves.

**Elyseu** — Não escreva a lapis. Não escreva nas costas do papel. Preferimos continuar a enviar os jornaes para o endereço anterior. Enviamos 100 do n. 1 e não 50. Vendendo a 100 réis, já temos um prejuizo de 60 réis em cada. E vocês querem augmentar o prejuizo, pagando-nos a 60 réis. Não. Não é possivel.

**Jayme Alves e Heitor Lima** — Os companheiros têm faltado ás assembléas.

**José Rotondare** — Estamos aproveitando as listas.

**Millon** — Agradecemos os 60$000.

**Souza Lima** — Vemos o quanto o companheiro se interessa. Gratos pelos 136$000.

Enviámos um grande pacote de jornaes como tambem a musica.

**L. e Gr.** — Parece que ahi tomam a auto-critica em um sentido de amesquinhamento. E' exactamente o inverso. Soubemos os progressos que têm feito. Para facilitar, supprimimos os endereços de Raymundo e Domingos. Vão, agora, para seis endereços. G. enganou-se: não falámos em 60 réis; falámos em vender os atrazados a 50 réis. Mas faremos tudo que quizerem. E' um sacrificio que fazemos aos trabalhadores de S. Paulo. Não importa. E o annuncio? Enviámos 30 n. 2. Agradecemos os 65$. Receberam carta de nove?

**Karl.** — Agradecemos os 100$. Enviámos a lista 192, e uns cartazes, jornaes atrazados e 120 do n. 6. Apezar de não termos recebido, vamos dar como entrada a lista 64, do Alvaro.

Esses atrazos nos desorganizam o serviço. Muito bem a noticia e o annuncio. Não importa o exemplar do Meirelles. Seja habil na propaganda.

## O N. 6

Além dos artigos collectivos, o numero 6 da A CLASSE OPERARIA foi escripto por cinco graphicos, tres operarios da construcção civil, dois operarios em fabricas de fumo, um trabalhador de estaleiro, dois maritimos, dois metalurgicos, tres tecelões, um sapateiro, um empregado no commercio, um servente dos correios, dois padeiros, tres "garçons", dois marceneiros, um vassoureiro, dois tintureiros, quatro alfaiates, um marmorista e um barbeiro.

## DE SERGIPE

ARACAJU', maio de 1925.

Assim, á primeira vista, parece, aos meus amigos da "A CLASSE OPERARIA", coisa facil e commoda ser eu aqui o correspondente desse jornal combativo, feito exclusivamente para defender trabalhadores, sem distincção de crédos politicos ou religiosos.

Sei que elles ignoram o conceito que os mandões politicos e os capitalistas fazem da liberdade de pensamento, aqui por estas brancas areias...

Sergipe é, a Chanaan da burguezia!

Sergipe é o unico pedaço do globo onde, de facto, existe completa homogeneidade de pensamento!... Todos aqui são devotos de São Mauricio, pelo simples facto do presidente do Estado chamar-se Mauricio!...

As poucas cabeças que ficam por sobre o nivel do rebanho são forçadas a mudar de rumo: emigrar para outras plagas ou accommodar-se á ladainha.

Querem uma prova?

Aqui está:

O Centro Operario Sergipano ia em franco progresso ahi por 1921 e 1922. Nessa altura surgiu uma encrenca com a fabrica de tecidos Sergipe Industrial. Os directores desta fabrica e os demais directores das 7 que no Estado existem, uniram-se e organizaram a mais feroz reacção de que temos noticia contra o Centro, estabelecendo como principio não serem acceitos em nenhum de seus estabelecimentos associados desse organismo corporativo, ou pessoas de suas familias.

Esta monstruosa combinação tem sido cumprida em toda linha, com um enorme prejuizo para a unica organização que existe no Estado — O Centro Operario Sergipano.

Saberão os meus amigos da "A CLASSE OPERARIA" o que implica uma medida dessa natureza em uma terra como Sergipe?

Implica na fome, no roubo, na prostituição, na desorganização da familia!...

E' em um ambiente desta ordem que se me pede acceite a representação de um jornal, unico no Brasil, que desdobra esta bandeira: JORNAL DE TRABALHADORES, FEITO POR TRABALHADORES, PARA TRABALHADORES.

Acceitamos a incumbencia.

Na proxima correspondencia estudaremos a situação dos operarios de Aracaju', occupando-nos principalmente das fabricas — Sergipe Industrial e Confiança.

Se o rebanho, á marrada, me correr desta boa terra, farei o que fez o nosso camarada José Alfredo dos Santos, que aqui deixou mulher e filhos, todos martyrizados pela saudade, indo viver ahi, onde, apezar dos pezares, existe mais liberdade, mais união entre os trabalhadores, mais comprehensão da questão social.

O CORRESPONDENTE.

# SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA EM PERNAMBUCO

## A falta de garantias — As perseguições a operarios pelo simples facto de procurarem organizar-se em syndicatos — A coacção ao trabalhador — A situação indizivel do trabalhador do campo

(Do nosso correspondente especial no Recife)

(Conclusão)

Sobre a disparidade entre a alta dos generos alimenticios e a dos salarios, vejamos alguns dados:

Entre 1916 e 1925, generos de primeira necessidade como os abaixo discriminados subiram: Carne verde, 110 °|°; farinha, 50 °|°; feijão, 150 °|°; gallinha, 150 °|°; kerozene, 177 °|°; xarque, 137 °|°; bacalhau, 233 °|°.

Por total de mercadorias comprado em 1916 por 18$400, custa actualmente 55$800, ou seja um augmento de 205 °|°.

Os salarios, neste periodo, subiram 20 a 50 °|°, para as fabricas e officinas. Serviços incertos como o de construcção (pedreiros, canteiros, carapinas, etc.) o augmento chegou a ser de 70 a 100 °|°. E' preciso attender, porém, que este pessoal está sujeito a folgas continuas.

Não entrando aqui nenhuma apreciação sobre os preços de vestimentas e alojamento, que tiveram uma alta ainda mais desordenada que a dos generos alimenticios, em relação aos salarios, claro fica que a situação actual das classes pobres é, simplesmente, desesperadora.

Ainda, genero de primeirissima necessidade, como o é a carne verde, está entregue á exploração de um "trust" que sustenta preços fixos, durante mezes e mezes, sem attender á baixa de preços do gado. E' de notar que o abastecimento da carne verde está sob o controle directo da Prefeitura.

A exploração do trabalho das mulheres e crianças nas fabricas chegou ao cumulo (10). Conhecemos fabrica, (a de cerveja) que paga 400 réis pelo trabalho de um dia de 9 horas, ás mulheres. Na época em que se cobra 200 réis por um ovo; 200 réis por uma laranja; 100 réis por uma banana; 2$100 por um kilo de carne verde; 1$500 por um almoço no peior hotel (frêje) ganha uma pobre moça 400 réis por dia!!! Resulta disso que as victimas desta exploração sem nome, responsaveis muitas vezes pelo sustento de um pai doente e invalido do trabalho, de irmãos pequenos, etc., procuram, em 99 destes casos, um complemento ao salario que não lhe garante ao menos um almoço, na *prostituição*.

(10) Existe uma lei, já em vigencia, regulando o trabalho dos menores. Puramente platonica. Vem mais em prejuizo das crianças que precisam ganhar a vida, pois não têm nenhum recurso, do que em seu soccorro. Retirar a criança da exploração das fabricas ou vedar-lhe, ahi, a entrada, sem crear, concomitantemente, asylos de protecção ás mesmas e escolas para o aprendizado — é previdencia social para inglez ver...

(11) Quasi sempre são desvirginadas dentro das proprias fabricas pelos patrões e seus agentes de confiança. Depois da quéda, entregam-se á prostituição durante a noite, para completar o salario insufficiente e ridiculo.

Eis a situação horrivel das classes pobres. Situação intoleravel e, podemos dizer, sem sahida, num paiz, onde as classes possuidoras, á testa da administração, não têm a minima intuição de reformas e melhorias sociaes. Não basta deixar morrer de fome — tolhe-se-lhe toda a liberdade. Não podem grunhir. Os artigos da nossa Constituição liberalissima...' são interpretados por antinomia, ao que parece. Em cada Estado do paiz, principalmente no norte, ergueu-se uma oligarchia enfeudada nos cargos administrativos e ás sinecuras de estado — olhando com profundo odio e pavor para qualquer pretensão de melhoria por parte das classes pobres.

Por tudo isso avulta a necessidade de se crear, no Brasil, uma politica nitidamente operaria, que defenda os interesses operarios e das classes desfavorecidas, que se represente por lidimos operarios e soffredores, que vá no Parlamento agitar as questões que interessam os operarios e os soffredores de toda especie: — a carestia da vida; a segurança das victimas do trabalho; as pensões aos invalidos do trabalho; a assistencia, ás creanças pobres, pelo Estado; o respeito á liberdade associativa, etc., etc.

E' preciso, para isso, crear o bloco de ferro de todos os trabalhadores do Brasil, os das cidades e os dos campos, os do Norte, os do centro e os do sul, irmanados todos pelos mesmos soffrimentos e pelas mesmas aspirações, e que irmanados num só bloco poderoso deverão reclamar, para si, todas as modernas conquistas proletarias, libertando-se da escravidão e servidão sociaes ainda imperantes no paiz.

(11) Seria enfadonho e penoso citar factos, até alguns recentemente acontecidos, tal a sua natureza ignominiosa e repugnante.

# A greve na Fabrica Botafogo

## Continúa no mesmo pé a greve na secção de lã desta fabrica

Este movimento, como temos dito nos numeros anteriores, é o resultado não sómente da necessidade de certas melhorias para os companheiros ora em grève, como tambem tem uma das suas causas na attitude escravocratica mantida pela direcção da fabrica "Botafogo", com respeito aos seus operarios e muito especialmente sobre os companheiros que se acham actualmente em grève.

### POR QUE AINDA NÃO TERMINOU A GRÉVE

Já tivemos opportunidade de alludir á intransigencia mantida pela gerencia da "Botafogo" em relação á readmissão de nove dos companheiros grevistas. Estes operarios são a peça directamente visada pelos rancores do Sr. Percy, gerente da fabrica, e isto, pelo simples facto de haverem sido estes companheiros os que compunham a commissão escolhida pelos grevistas para se entender com este senhor.

Ora, diante de semelhante absurdo, não póde haver entendimento possivel. Satisfazer um tal capricho patronal equivaleria a faltar ao mais comesinho principio de solidariedade.

Os companheiros em grève, não podem servir de instrumentos inconscientes contra os seus proprios camaradas, para satisfazer os rancores pequeninos de quem quer que seja, e, muito menos, de um patrão.

### A RESPOSTA

A uma tão odienta proposta do Sr. Percy, os companheiros grevistas respondem com a maior solidariedade entre si.

Para comprovar a inquebrantavel união que ha entre os companheiros em lucta, citamos aqui a desapprovação unanime que teve a proposta apresentada por alguns companheiros de animo menos forte e que lembrava se retomasse o trabalho, compromettendo-se a sustentar economicamente os nove companheiros visados pelo odio mesquinho do patronato. A resolução tomada é a que manda a dignidade de todos os trabalhadores: ou serão readmittidos todos, ou a lucta continuará.

### AUXILIO AOS GREVISTAS

A "União dos Trabalhadores em Fabricas de Tecidos" está empenhada em auxiliar na medida do possivel, os companheiros em grève.

Para isso a sua directoria pede o comparecimento de todos os que trabalham na secção de lã da fabrica Botafogo, homens, mulheres e crianças e que em virtude do presente movimento, não estão percebendo salarios.

### A ASSEMBLÉA DE HOJE

Realiza-se hoje á noite, uma assembléa da corporação á qual nenhum companheiro deve faltar.

# COLUMNA GRAPHICA

### O DESCANSO SEMANAL E A "VANGUARDA" — O QUE SE PASSOU NA TYPOGRAPHIA E LITOGRAPHIA HOEPFENER & COMP". LIMITADA.

Já tivemos opportunidade de frizar nestas columnas a tremenda crise que atravessam os trabalhadores em artes graphicas desta capital. Ganhando um ordenado que já percebiam em 1914, quando um operario podia viver com 8$000 ou 10$000 diarios, hoje, que o custo da vida cresceu na proporção de 500 e mais por cento, em relação áquella época, a quasi totalidade dos nossos companheiros já lançou mão de todos os recursos imaginaveis para poder viver.

Assim é que, emquanto os trabalhadores dos jornaes passaram a trabalhar de dia e de noite, para ganhar o insufficiente para viver, os companheiros das casas de obras submettem-se a um trabalho de 12 a 14 horas, fazendo séstas, serões e, em ultimo caso, trabalhando aos domingos, burlando deste modo a lei do descanso dominical, com o unico fito de augmentarem os magros mil réis, que nunca chegam para o indispensavel.

Como consequencia desta situação intoleravel, os trabalhadores de diversas emprezas resolveram endereçar aos respectivos patrões, pedidos collectivos de augmento os quaes, na sua maioria foram bem aceitos, pois não ha quem deixe de reconhecer a justiça destes pedidos, na quadra que atravessamos.

Contrastando, entretanto, com essa attitude, ahi temos o caso da "Vanguarda", cujo director, além de não tomar em consideração o pedido de augmento dos seus auxiliares, e achar que, trabalhar de dia e de noite, era uma "vantagem invejavel"... obriga-os, agora, a burlar a lei do descanso semanal, fazendo com que os seus operarios passem a entrar ás 7 horas da manhã, nas segundas-feiras.

Ao que nos consta, ha uma parte da corporação que não se submette á nova exigencia e continúa a entrar ás 8 horas. Entretanto, para terminar com esta irregularidade, bastaria que um companheiro se dirigisse á agencia da Prefeitura mais proxima e fizesse constatar a infracção.

A consequente multa em pouco tempo faria com que esse industrial respeitasse a lei.

* * *

Outro caso edificante e que teve o seu desfecho na segunda-feira, 8 do corrente, foi o que se passou na Typographia e Litographia Hoepfner & Cª. Ltdª., sita á Avenida Mem de Sá n. 236.

Os operarios da secção de composição dirigiram aos patrões um abaixo assignado, em termos os mais cortezes e basendo nas difficuldades decorrentes da carestia da vida, solicitando um augmento inferior a 20 °|°. O maior salario pago nesta secção era de 10$000. Não ha quem ignore que, em geral, nas casas de obras, o salario de 10$000 só é dado a um artista do qual o patrão tem a certeza de obter uma producção tres ou quatro vezes superior ao salario que percebe.

Accresce que, a titulo de economia, ultimamente haviam sido despedidos alguns operarios da referida secção, cujos salarios importavam num total de 35$000 diarios, ao mesmo tempo que a producção do estabelecimento augmentava sensivelmente.

Horas depois de entregue o abaixo assignado, quando os operarios da secção de composição daquella empreza esperavam uma resposta satisfactoria ao seu justissimo pedido de augmento, foram surprehendidos com a entrega de uns boletins que eram o supremo escarneo á sua qualidade de trabalhadores.

A titulo de documentação aqui reproduzimos um desses boletins, observando a ortographia do original:

**"Não tendo mais serviço para o senhor Elias Gomes de Amorim, pedimos de não considerar-se mais, de hoje em diante, o nosso empregado. Rio 8-6-25. — A GERENCIA."**

E assim foram todos summariamente despedidos...

Haverá necessidade de se commentar semelhante facto?

Pensamos que não... salvo se esses industriaes entendem que isto aqui é uma colonia allemã.

J. BAPTISTA.

# MATTEOTTI

Passou esta semana o 1º anniversario do assassinio de Matteotti, crime fascista que tanto commoveu o mundo.

Matteotti — uma entre milhares de victimas do fascio — foi a bem dizer um sacrificado pela politica do seu proprio partido.

O dominio do fascismo sobre a Italia só foi possivel como consequencia das derrotas soffridas pelo proletariado italiano. Ora hoje está mais que provado que uma das causas determinantes de taes derrotas residiu na traição systematica dos chefes socialistas, Turatti, D'Aragona & Cia., precisamente os homens a cujo grupo pertencia Matteotti.

O crime de 10 de junho abalou até ás raizes o poder de Mussolini, que esteve vai não vai a cair. Póde affirmar-se com absoluta certeza que foi o partido socialista, com sua politica medrosa e pacifista (o deputado socialista Baldesi declarou no orgão do partido, "Giustizia", que a opposição não empregaria a violencia contra o fascismo, servindo-se exclusivamente das armas legaes), que salvou Mussolini. Para outra cousa não tem servido, no fim de contas, a "opposição aventinista", de que fazem parte os socialistas, ao lado dos burguezes liberaes, catholicos, etc., gente toda super-pacifista e super-legalista, que não mette medo a Mussolini.

E' edificante notar que no mesmo dia 10, anniversario do crime nefando, eram recebidos pelo rei os leaders aventinistas Di Cesaro e Amendola, tendo este ultimo — e aquelle? — renovado "a lealdade do seu grupo para com a corôa" (ver telegrammas da U. P. nos jornaes de 11). Nesta bella companhia formam os chefes do mesmissimo partido a que pertencia Matteotti.

Parece que não é preciso accrescentar-se mais nada.

## Fabrica Minerva

A' ultima hora, depois de fechado o balancete, recebemos 74$ do Comité Pró-A Classe Operaria, fundado pelos companheiros da fabrica Minerva.

Agradecemos com um viva aos trabalhadores da fabrica Minerva, que despertam para um futuro de combates e victorias!

## Centro Progressista de Parada Lucas

Realiza-se hoje, em Parada Lucas, um grande festival, promovido pelo Centro Progressista de Parada Lucas, o qual promette grande exito.

Gratos pelo convite.

## Apontando falhas

### PRECISAMOS CRITICAR O PASSADO, AFIM DE TIRARMOS LIÇÕES PARA A LUTA PRESENTE.

A CLASSE OPERARIA veio preencher uma lacuna. Todos sabem que, no Brasil, nunca houve um jornal que defendesse, com methodos praticos, os interesses dos trabalhadores, que os conduzisse a um meio pratico, no sentido de fazer prevalecer duradouramente as reivindicações obtidas através de ingentes sacrificios.

Os jornaes apparecidos quasi se limitavam a considerações doutrinarias, definições de principios e polemicas philosophicas. Por isto, não satisfaziam a massa trabalhadora. E emquanto os interesses dos trabalhadores eram esquecidos, taes jornaes serviam para satisfazer apenas a um limitado numero de sonhadores, de fantasistas.

Nessas épocas passadas havia uma certa agitação. Mas era fogo de palha.

Dois factores concorreram para o desequilibrio: um, o apparelho compressor burguez — forte; o outro, os methodos radicaes, ultra-violentos, incompativeis com o ambiente.

Hoje, analysando as faltas passadas e reconhecendo lealmente os nossos erros, vamos, sob a bandeira da A CLASSE OPERARIA, combater pelos interesses immediatos dos trabalhadores.

Pela frente unica de todos os trabalhadores contra a frente unica de todos os exploradores!

AUGUSTO CARINO.

# A VOZ DOS OPERARIOS DE INHAUMA

Em todos os bairros os poderes publicos têm installado feiras-livres, mas, a zona de Inhauma, Terra Nova, Del Castilho e outras ainda não foram attendidas nesse sentido.

Zonas como essas, bastante populosas, onde habitam, na sua maioria, operarios, mereciam que a Superintendencia do Abastecimento installasse em qualquer dellas uma feira-livre, aliás, co mvantagem nos Pilares, para assim combatermos a ganancia dos açambarcadores.

Eis o appello que fazemos aos poderes competentes. — OS OPERARIOS DE INHAUMA.

## Na fabrica Estanca

As moças operarias da fabrica Estanca, (de pasta dentifricia), á rua Dias da Cruz n. 130, no Meyer, vêm reclamar contra o dia de trabalho, que se prolonga até 10 horas da noite.

A' nossa custa é que o capitalismo sustenta sua opulencia.

Para combater tamanha exploração, vamos organizar um syndicato.

**As operarias da fabrica Estanca.**

# ACTIVIDADE PROLETARIA NOS SYNDICATOS

## As lições das derrotas

Informa-nos o nosso correspondente em Santos que, em consequencia do fracasso do ultimo movimento verificado na S. Paulo Railway, os dirigentes desta estrada tudo têm feito para destruir a associação que dirigiu a grève.

Não podemos deixar de fazer alguns commentarios acerca deste facto.

Quem conhece os precedentes daquella grève de certo não se terá surprehendido com este procedimento da direcção daquella via ferrea. Como já tivemos occasião de dizer os trabalhadores da S. Paulo Railway, premidos pelo encarecimento descommunal dos generos de primeira necessidade, resolveram appelar para a direcção da Companhia, afim de que lhes fosse dado um augmento de salario. Vendo os patrões que aquelles companheiros não se escudavam numa organização capaz de fazer valer as aspirações daquella corporação, mas percebendo que já existiam os rudimentos desta organização, trataram immediatamente de pôr em pratica um plano que lançasse por terra a organização que se iniciava. E, em resposta ao pedido de augmento dos seus operarios, offereceram-lhe um augmento de um vintem por hora (!)

Os patrões estavam seguros de que tal offerta, actualmente nem mesmo aceita por um indigente, não o seria por homens que produzem, que trabalham. Os companheiros devolveram a luva, num gesto de dignidade, declarando-se em grève. Mas, não se lembraram de consultar primeiro, se a associação que tinham estava, de facto, apparelhada para resistir com efficiencia aquella batalha. Infelizmente não estava.

O plano de provocação, posto em pratica pelos patrões, foi coroado de exito.

O movimento fracassou.

Pois bem, é nosso dever tirar desta derrota as lições que ella encerra.

E' sabido que a lucta não terminou.

Ella continúa. E continúa porque perduram as suas causas. Depois da derrota, os patrões aproveitaram a situação para redobrar a sua exploração: logo, havendo exploração, não póde deixar de haver a lucta contra ella. Mais cedo ou mais tarde, a batalha reivindicadora será empenhada.

Devemos, pois, aproveitar a experiencia e procurar augmentar cada vez mais a potencia das nossas organizações, sem nos deixarmos levar pelas provocações patronaes que, aproveitando-se muitas vezes da nossa fraqueza, procuram lançar-nos em luctas prematuras. Não só os companheiros da São Paulo Railway deverão aproveitar esta lição como todos os demais trabalhadores.

Na lucta, vencem sempre os mais fortes, os melhor organizados. Os trabalhadores, para vencer, terão de organizar-se. Organizemo-nos, pois!

* * *

Outro facto que, embora com grande desprazer, não podemos deixar passar desperecebido é o dos trabalhadores em café, tambem de Santos. Como é sabido estes companheiros estiveram em grève durante duas semanas. Motivara este movimento a necessidade de melhorias que viessem attenuar as privações por que passam os companheiros daquella corporação. Estes trabalhadores tinham a sua associação.

Faltava-lhes, porém, o principal: a orientação. Vejamos: relatam-nos, de Santos, que a directoria da S. dos Trabalhadores em Café teve o desplante de entregar, voluntariamente, as chaves da séde á policia "em virtude de não ser solidaria com as resoluções da assembléa que decretara a grève."

Esta é de pasmar!

Por mais que se procure, não se encontra sinceridade numa declaração desta natureza, mórmente quando ella é feita precisamente pelos individuos que se encontram á frente de uma associação, os quaes, mais do que ninguem, têm o dever de pugnar pelo successo de todo e qualquer emprehendimento daquelles que, por confiança, os collocam á frente do seu organismo associativo.

Positivamente, praticar um acto semelhante, equivale a atraiçoar os seus companheiros.

Traição clara e nitida...

Os companheiros em grève, verificando o abandono da sua causa por aquelles que a deviam patrocinar, com a sua séde fechada, sem terem siquer onde se reunir para tratar dos seus interesses em jogo naquella grève, apezar de tudo isto, mantiveram uma attitude digna de elogios.

A solidariedade entre os grevistas foi observada de uma forma que zombou dos contratempos que os cercavam.

Foram vencidos, agora, mas a solidariedade e a resistencia por elles mantidas durante duas semanas, e que contrastam com o modo de seus dirigentes, redimem em parte a sua falta de organização, no sentido rigoroso da palavra, e são a prova de que tudo farão para elevar a sua associação de resistencia á altura do desempenho das suas funcções, já reorganizando-a para tornal-a forte, já excluindo da sua direcção os elementos que não correspondam ás suas aspirações.

Trabalhadores em café, trabalhadores da São Paulo Railway, tirai as lições das derrotas!

## Accidentes no trabalho

Em numero anterior, o companheiro Manoel F. de Souza, interpretando a opinião das massas, appellou para nós no sentido de crearmos uma secção de consultas sobre accidentes no trabalho.

Querendo dar mais uma prova do interesse e a consideração que as massas trabalhadoras nos merecem, acabamos de constituir advogado na A CLASSE OPERARIA, nesta questão, o Dr. Carlos Susskind de Mendonça.

Querendo dar uma força maior aos syndicatos, combinámos que as consultas serão gratis para os operarios associados e custarão 2$ aos operarios não associados ou sem syndicato. Esta quantia irá para a caixa do jornal.

Toda a correspondencia neste sentido deve ser dirigida assim: Dr. Carlos de Mendonça — A/c da A CLASSE OPERARIA — rua Marechal Floriano 172-1º, Rio de Janeiro.

As respostas virão pelo proprio jornal.

## Aos trabalhadores do cáes do porto

Quem vos fala são os vossos companheiros de soffrimento, que desejam vêr-vos respeitados pelo patronato.

Os trabalhadores do Cáes do Porto não têm o menor direito.

Apezar de sermos uns 4 mil, vivemos numa situação triste. Poderiamos ser uma força; no entanto, nada somos.

Por que? Por causa do medo de muitos companheiros.

Os dirigentes da Cia. do Cáes do Porto demittiram os companheiros mais activos e os outros ficaram intimidados. Nunca mais conseguimos organizar-nos.

Se estivessemos organizados, não seriamos tratados como somos. Vivemos ameaçados de ir para a rua, a qualquer hora. Não podemos continuar assim.

**Os trabalhadores do Cáes do Porto.**

## Aos operarios das fabricas e depositos de bebidas.

De certo já ouvistes falar de Ulianov (Lenine). Escutai-o: "De nenhum modo deveis encerrar-vos nos limites puramente economicos e profissionaes; pelo contrario, deveis luctar pela vossa associação de classe — o partido." E mais: "Os grandes problemas, na vida dos povos, se resolvem pela força."

Ora, nós nem sequer estamos organizados em syndicato, quanto mais em partido.

Assim, é nosso dever organizarmo-nos immediatamente, afim de fazermos valer os nossos direitos.

Companheiros da Cervejaria Polonia, da Hanseatica, da Bohemia, da Ferreira Braga e de todas as grandes e pequenas fabricas de bebidas do Rio de Janeiro: organizemos o nosso syndicato — a União dos Trabalhadores em Fabricas e Depositos de Bebidas.

Só assim seremos fortes. Só assim melhoraremos de condições.

**Os operarios da Cia. Cervejaria Brahma.**

## Aos companheiros serventes e entregadores de volumes

Vimos, por intermedio da A CLASSE OPERARIA dizer que não se illudam com os pequenos burguezes. Elles são astuciosos e o interesse delles é contrario aos nossos. Elles fazem fortuna e os sacrificados somos nós. Andamos sob a chuva, molhados, e a roupa tem de seccar em nosso corpo. Ao levantarmo-nos da cama quente, somos obrigados a calçar as botinas molhadas da vespera, pois não temos outras. Se ao nos deitarmos tomamos um chá, como preservativo á constipação; se suamos durante a noite, de nada nos serve o remedio, porque ás 4 horas da manhã, com frio ou com chuva, temos de sair para o trabalho, e, assim, marchamos para a tuberculose.

Depois das 7 horas da noite, vamos levar embrulhos a Copacabana ou á Tijuca, e chegamos em casa ás 9 e 10 horas da noite. E quanto ganhâmos? 180$000 no maximo. E a maioria dos pequenos companheiros ganha 40$000 [illegible] (a secco).

Por que não reclamamos? Porque não temos organização syndical.

Por que não a creamos?

— Como? — perguntarão.

— Por intermedio da A CLASSE OPERARIA, que é o jornal dos trabalhadores.

Trabalhemos pelo nosso jornal, que elle trabalhará por nós.

**Os serventes e os entregadores de volumes do Rio de Janeiro.**

## Com os barbeiros do Salão Elegante

Os barbeiros que trabalham no Salão Elegante, na avenida Rio Branco, precisam modificar o seu systema de trabalho. A "caça ao freguez", precisa, a bem da moral e do bom nome da collectividade dos barbeiros, ser abolida o mais depressa possivel.

Não se admitte mais que trabalhadores, para satisfazer o capricho ou os interesses do burguez que os explora, vivam, entre si, em constante guerra.

A "caçada ao freguez", tal como a instituiu o proprietario do Salão Elegante, obedece a um plano machiavelico da burguezia: de um lado obrigar os seus escravos a trabalhar mais do que as suas forças o permittem, contanto que as suas riquezas augmentem; e de outro lado provocar entre os seus explorados, a discordia, a desunião, para mais facilmente os poder extorquir, sem receio de qualquer resistencia por parte dos trabalhadores.

E tanto o que affirmamos é verdade, que já não é a primeira vez que nessa casa se têm dado certas scenas, já não é a primeira vez que os contendores (officiaes de barbeiros!) chegam a se aggredir mutuamente. Sim, têm havido, nessa casa, até scenas de pugilato.

Ora, semelhante estado de coisas, não póde nem deve continuar, para honra e dignidade dos barbeiros.

Torna-se necessario, uma vez que já conheceis qual é o plano do vosso patrão, eliminar a indecorosa "caçada ao freguez" e procurar harmonizar entre vós os vossos interesses de maneira que não sahia nenhum de vós prejudicado e que exista sempre no vosso seio a mais estreita e cordial solidariedade.

Precisamos companheiros viver como irmãos e não como inimigos.

Bem sabemos que tendes a "gorgeta" e ella quasi vos impede de viver na mais cordialidade. Esse obstaculo, porém, póde ser facilmente removido.

Sabeis como? De uma maneira simples.

Em logar de guardar a gratificação nos vossos bolsos, como o fazeis hoje, depositai-a em uma gaveta ou caixinha fechada, e, á noite, após a terminação do trabalho, dividi-a, equitativamente, por todos vós.

Com tal modo de trabalho estará extincta a discordia entre os companheiros e a moral da collectividade dos barbeiros muito terá lucrado.

Esse systema da gorgeta junta devia até ser extensivo a todos os barbeiros do Rio de Janeiro.

Elle não só mata o egoismo baixo (individualismo pequeno-burguez) como tambem será o maior factor para a organização dos barbeiros.

Cabe, agora, á associação dos barbeiros tratar de estudar este assumpto.

K. MARTELLO.

## Não ha união

Eis tres palavras que vulgarmente se ouvem nas conversas e nos assumptos proletarios.

Quando, em palestra, nos encontrámos com algum operario e abordamos a questão proletaria, em muitos observamos o mesmo espirito derrotista, o mesmo sentimento de desanimo ou, melhor, o maldito pessimismo.

E' um mal que precisamos combater.

O operario menos comprehendedor da questão social, isto é, da lucta de classes, sabe que passa miseria, que o que ganha não lhe chega para satisfazer as suas mais elementares necessidades. Desespera, mas desconhece as causas de tal miseria como tambem desconhece o meio de combatel-a.

Se algum de nós lhe apresenta um jornal operario, quer seja da sua corporação; quer seja um jornal de classe, como A CLASSE OPERARIA; se demonstra onde o mal se encontra; se lhe apresenta um programma de combate, logo nos responde: "Não ha união".

Mas é impossivel não haver união, affirmamos nós.

O que não ha é uma moral proletaria.

Não ha optimismo, esse sentimento capaz de levar á victoria as mais duras e asperas emprezas. Não fôra o optimismo e esse grande luctador que foi Ulianov, jámais teria levado a cabo a sua obra immortal.

E' preciso que o operario se capacite que a obra de organização proletaria se ha de fazer pelo esforço individual, paulatinamente, persistentemente, e não por milagre.

O edificio social terá de ser obra de nós mesmos. A organização syndical terá de partir do simples para o complexo, isto é, pelo esforço consciente de cada um formaremos o alicerce.

Congreguemos, pois, todas as energias, colloquemos "pedra sobre pedra", até que possamos, em um bloco solido, indestructivel, jogar por terra a injustiça social.

Organizemo-nos, pois, em syndicatos de resistencia; repillamos para longe de nossas cogitações, a idéa pessimista da impossibilidade de organizar.

Organizar! Organizar! Deve ser a nossa palavra de ordem!

30|5|25.

NELSON DE FIGUEIREDO.

## Aos culinarios do Rio de Janeiro

A commissão da fracção culinaria do Centro Cosmopolita acaba de lançar á corporação um manifesto que á falta de espaço nos impossibilita de transcrevel-o na integra.

Delle, porém, destacamos o trecho seguinte:

Agora que a nossa numerosa collectividade se movimenta, num despertar forte e resoluto, caminhando a passo firme para dias de grandiosas reivindicações, de direitos que nos estão sendo opprimidos e usurpados pela classe patronal, esperamos que vós, Culinarios em geral, participareis directamente na vanguarda libertadora que estamos organizando.

Ha longos annos que a nossa classe tem estado dividida em duas entidades que procuraram por todos os meios chegarem a uma solução completa que veiu trazer a paz entre nós, sem vencidos nem vencedores.

Agora que conseguimos ter dentro do Centro Cosmopolita a inteira autonomia das fracções (nossa maior aspiração), com a transgressão das duas partes em lucta, precisamos imperiosamente encetar uma organização nova, criteriosa e altiva, capaz de conquistar o nosso logar no banquete da vida.

Companheiros, não é com a vossa indifferença e com a vossa ausencia que vamos resolver tão melindroso problema. E' preciso e é dever de todos os que labutam quotidianamente no interior de uma officina culinaria:

1º. Fazer a maxima propaganda para o inteiro engrandecimento da nossa fracção.

2º. Propalar e usar da autonomia de que já tratamos acima, não se deixando illudir por parasitas que andam no meio do proletariado com mascara de pastores e mostrar-lhes que não somos rebanhos, nem nos illudimos com politiqueiros pequeno-burguezes.

3º. Comparecer a todas as assembléas, cumprindo á risca as deliberações da mesma assembléa, cujo conjunto de idéas nella ventiladas, venham repercutir em beneficio da nossa laboriosa fracção.

4º. Conhecer a fundo a vida da fracção.

5º. Serem solidarios com todos os movimentos que venham em beneficio da acção moral ou economica da mesma fracção.

## Laubisch Hirth & C.

Lemos o que os companheiros da casa Leandro Martins contaram ao proletariado em geral. E vimos trazer a nossa parte.

Trabalhamos sob as imposições dos Srs. Carlos Laubisch Hirth & Cia., mais conhecidos pelo nome de Allemão. Estes industriaes ficaram ricos com a guerra, tendo principiado com dinheiro alheio. Eram bruiacs. Mas nós, como estavamos bem organizados, oppuzemos uma forte resistencia á sua ganancia, conseguindo mesmo domar seus instinctos. Entretanto, em vez de utilizarmos essa força para uma obra solida, empregamol-a em casos secundarios.

Por exemplo: fomos impor, contra a vontade do patrão, um companheiro que não merecia tal consideração, pois deu logo para amesquinhar as deliberações corporativas. Diante de uma attitude destas, novamente entrámos em lucta. Antes era para dar apoio a esse companheiro, agora era para negal-o.

Começou ahi a derrocada, pois o nosso "amigo" até com um guarda civil sahia para almoçar!

Os melhores elementos tiveram de sair ou foram dispensados.

Assim, desmantelada a organização da casa, o Allemão, sempre com aquelle charuto mastigado no canto da bocca, foi botando por terra todas as nossas conquistas, estabelecendo um regimen de empreitadas escandalosas, á moda prega e racha, como trabalhos extraordinarios e dominigueiras, pagos a seu bel prazer.

Pois mesmo assim ha um operario que diz estar agora melhor. E trabalha domingos e extraordinarios para descontar o tempo que a Alliança lhe fez perder com a greve da Leopoldina, do Antonio Silva e de outras?

Ainda ha pouco o Sr. Carlos, que diz ser um industrial infeliz para negocios e estar sempre perdendo, foi á Allemanha para trazer bons marcineiros e illudiu muitos operarios com suas propostas.

Emquanto a nossa miseria augmenta com a elevação dos generos de primeira necessidade, o Sr. Lambisons já se fez proprietario daquillo que adquiriu com capital emprestado e, por duas vezes, já ampliou suas grandes officinas mobiliarias. A' custa de quem? A' nossa custa!

Os companheiros mais conscientes são perseguidos.

Comprehendendo todo o horror da nossa situação, vamos organizar-nos, fazendo com que o nosso syndicato volte aos tempos de 1918.

E, aproveitando as columnas do nosso orgão defensor, A CLASSE OPERARIA, lançamos a palavra de ordem do trabalho immediato:

— Para dentro da Alliança, milhares de marceneiros do Rio de Janeiro!

Viva a Alliança dos Trabalhadores em Marcenarias — reorganizada, disciplinada e centralizada! — OS OPERARIOS DA CASA LAUDISCH HIRTH & C.

## Aos operarios marmoristas

Aproxima-se o dia 19 de julho em que deve ser substituida a actual commissão executiva. Por este motivo vos concitamos a pensar nos companheiros que devem exercer o mandato até 19 de janeiro proximo, com a prudencia, coragem e energias proprias de quem vae assumir responsabilidades, algo graves, decorrentes [illegible] medidas a ser adoptadas para a valorização da industria e devidas attitudes intransigentes de alguns patrões.

Exhortamo-vos a cuidar mais seriamente dos interesses do Centro e da industria, que são por assim dizer os nossos interesses proprios. Inclinamo-vos a olhar com mais intelligencia para o futuro afim de que possamos sair um dia desta situação vexatoria de escravos assalariados, sem direitos e sem conforto de especie alguma. Nós vos aconselhamos, finalmente a que procureis conservar com vida intensa e prospera o nosso organismo corporativo que será um dia o factor preponderante da nossa emancipação.

* * *

Como sabeis o Centro acaba de concluir as negociações precisas para um accordo honroso com o gremio dos Industriaes em Marmores, accordo este que virá beneficiar grandemente não só a situação da industria menosprezada pela ganancia de uns e pela indifferença de outros como virá trazer-nos algo mais com que enganar os nossos já sacrificados estomagos.

Para a obtenção, porém, e manutenção de taes beneficios mister se faz a cohesão perfeita como um feixe de varas. Para que possamos usufruir os productos oriundos de tal accordo é necessario que a corporação seja forte e se mantenha vigilante sobre as transgressões que possivelmente se darão em virtude da escassez de trabalho que já se está fazendo sentir. Para que este accordo não seja burlado pondo por terra toda possibilidade de valorizarmos a industria dos marmores e a opportunidade de obtermos uns magros nickeis a mais é indispensavel que façais uso da vossa vontade que deverá ser consciente no sentido puramente reivindicador.

Assim, pois, companheiros, ante tal espectativa é mister que procureis collocar á frente dos destinos do Centro quem possa encarar serena e energicamente todos os acontecimentos que prevemos.

As eleições realizar-se-hão no principio do mez proximo e os companheiros devem já ir tomando todas as providencias neste sentido. — A **COMMISSÃO EXECUTIVA DO CENTRO DOS OPERARIOS MARMORISTAS.**

## Communicados e convocações

### A ATTITUDE DOS CONFEITEIROS NA CONFEITARIA 'CAVE'

Ha tres mezes deu-se um movimento dos confeiteiros que trabalhavam na Confeitaria Cavé.

Motivou tal attitude a recusa do proprietario em attender ás justas reclamações que fizeram.

Pleiteavam elles o tratamento a secco, em vista da pessima qualidade do alimento que lhes era apresentado. Sendo o proprietario da casa "Cavé" igualmente proprietario do "Restaurante Brasil", o alimento era fornecido para o pessoal da confeitaria, sómente de restos de comida, já em pessimas condições. Foi, pois, muito natural a justa attitude que tiveram. Pediam tambem um augmento de 120$ mensaes para cada confeiteiro, afim de tomarem pensão fóra por sua conta. Incluiram mais no pedido a diminuição das horas de trabalho.

Pois o tal senhor não attendeu a nenhuma das reclamações.

Sabbado passado realizou-se mais uma assembléa no Centro União dos Confeiteiros, onde foram tratados varios assumptos inclusive ainda o da casa "Cavé".

Os companheiros da referida casa mantêm-se firmes, dispostos a não mais voltar ao serviço nas antigas condições. Foi explicada a fórma pela qual estão sendo feitas as encommendas, com furões incompetentes a ponto de serem devolvidas as encommendas dos freguezes.

Foi exposto por outro camarada que, sabedor de que na casa onde trabalha havia encommenda para a tal casa "Cavé", se recusou terminantemente a preparal-a não sendo attendida, por este motivo, tal encommenda; isto se deu tambem em uma outra com outros camaradas confeiteiros.

Outro camarada demonstrou a necessidade de nenhum confeiteiro procurar ou aceitar trabalho na casa "Cavé" emquanto não forem attendidas as reclamações apresentadas. Foram tomadas ainda medidas de precaução para com os furões e para com dois traidores da referida casa. Lamentaram que esses dois fossem allemães, filhos da Allemanha, que se bate contra o imperialismo.

A seguir, foi approvado um auxilio de 100$ a um camarada e a outros.

Por fim, foi proposto e approvado por unanimidade que o Centro União dos Confeiteiros contribua mensalmente com um auxilio para A CLASSE OPERARIA, o que agradecemos.

### ALLIANÇA DOS OFFICIAES BARBEIROS

Realiza-se, no dia 18, quinta-feira, uma assembléa geral de socios quites, para tratar de assumptos importantes.

Espera-se o comparecimento de todos. Que o nosso salão seja pequeno para conter os officiaes barbeiros!

Realizar-se-ha tambem no proximo dia 23, terça-feira, uma convocação de classe, não devendo faltar a essa reunião nenhum official barbeiro, posto que é um dever. Não comparecer a essa reunião é um crime.

**Da Secretaria.**

### CENTRO DOS CALDEIREIROS DE FERRO, DE NITHEROY

Esta associação communica-nos a posse da sua nova directoria, assim composta:

Presidente, Domingos José; vice-presidente, Alexandro Martins; 1º secretario, José Joaquim Teixeira; 2º secretario, Augusto da Silva Nunes; thesoureiro, Severino Guchetti; procurador, Polycarpo Dias. Commissão fiscal: relator, Antonio Joaquim; adjuntos, Lino Augusto e Jayme Serrão.

### SOCIEDADE DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM TRAPICHES E CAFE'.

**Séde: rua do Livramento, 68**

São convidados todos os socios para a assembléa geral extraordinaria que se effectuará amanhã, ás 10 horas, na qual será proseguida a discussão da reforma dos novos estatutos. — **H. Baptista de Souza**, 1º secretario.

### C. B. DOS OPERARIOS MUNICIPAES

A commissão incumbida de tratar da equiparação dos vencimentos dos mestres da Directoria Geral de Obras e Viação da Prefeitura, convida os companheiros em geral, titulados ou não, para uma reunião hoje, ás 17 horas, na séde deste Centro, afim de tratar de assumpto de grande interesse para a classe — **A commissão.**

### UNIÃO DOS EMPREGADOS EM PADARIAS

**A' classe**

Previno aos companheiros que trabalham na manipulação e venda de pão, que diariamente, das 17 ás 19 horas, serei encontrado em nossa séde para tomar conhecimento e providenciar sobre prisões, multas, accidentes no trabalho e tudo que prejudique directamente os interesses da Associação e dos associados. — **M. Mattos Garrido**, procurador.

### UNIÃO DOS EMPREGADOS EM PADARIAS

**Secretaria de trabalho**

O expediente desta secretaria funcciona diariamente das 15 ás 17 horas. Prevenimos á classe que é necessario observar rigorosamente o horario de trabalho.

Os chefes de serviço têm a responsabilidade de todas as irregularidades que houver nas casas que dirigem.

Peçam na séde da União papeletas com o decreto n. 2.959, que deverão ser pregadas no interior das padarias para servir de guia aos que nellas trabalharem. E' dever de todo o associado communicar a esta secretaria todas as casas que começam e acabam fóra do horario, e o nome do chefe de serviço da casa infractora. E' dever de honra dos associados não permittir que com elles trabalhem individuos sem a carteira social.

Os me[illegible] padeiros (chefes de servi[illegible]rados a preencher as va[illegible]erior com socios da União [illegible] da secção de collocação. — João [illegible] Silva, secretario de trabalho.

### UNIÃO DOS OPERARIOS MUNICIPAES

De ordem do presidente, são convidados os Srs. associados a comparecer á assembléa geral ordinaria, que terá logar no dia 27 do corrente, sabbado, ás 19 1|2 horas, na séde da U. O. M., á rua Camerino n. 99, para, de accordo com o art. 30, letra A dos estatutos, se proceder á eleição da nova directoria, que irá dirigir os destinos daquella collectividade, durante o futuro anno social de 1925 a 1926. Depois da leitura do relatorio do presidente será lido o parecer do conselho fiscal. — **Agenor Belmonte**, 1º secretario

## NOS ESTADOS

### NA FEDERAÇÃO OPERARIA MINEIRA

Realizou-se no dia 31 de maio uma assembléa para eleição de cargos vagos, prestação de contas, protesto contra a suppressão das feiras livres e organização de uma cooperativa de consumo. Foi deliberado enviar-se um abaixo-assignado, protestando-se contra a suppressão das feiras.

Foi tambem deliberado organizar-se a cooperativa com o capital de 3:000$, angariado entre 3.000 socios, a 1$ cada.

—Sabbado proximo passado, o Gremio Recreativo realizou um baile, que rendeu 30$ liquidos.

No dia 31, á noite, foi representada com successo a comedia "Os dois carécas" e um acto variado.

—A Alliança dos Empregados em Cafés realizou, em sua nova séde, no dia 30, uma "soirée" dansante, que esteve muito concorrida.

O presidente da Alliança fez uma bella palestra, discorrendo sobre a questão syndical. Tambem fez uso da palavra um representante da Federação Operaria Mineira, que saudou os companheiros "garçons" pela sua bella iniciativa, enveredando pelo caminho da organização.

—Acha-se recolhido á cadeia local Antonio Pereira de Oliveira, um bello typo de crequle escravizador de trabalhadores pelo interior dos Estados de Minas e do Rio. Oliveira foi preso em Pirahia pelo capitão Amaral, da força publica, quando chegava de S. Paulo com uma turma de 30 escravizados, homens, mulheres e crianças.

Oliveira é accusado de ter assassinado uma meia duzia de infelizes que se achavam sob o seu jugo, os quaes tentavam fugir.

### UNIÃO DOS CARREGADORES DO PORTO DE S. FELIX—BAHIA

No dia 15 de maio installou-se na séde das Sociedades de Resistencia Protectora dos Operarios de S. Felix a nova associação acima.

E' com toda a satisfação que felicitamos os companheiros trabalhadores do porto de S. Felix.

Larga vida — cohesa e forte — á União dos Carregadores do Porto de S. Felix!

# CORRESPONDENCIA INTERNACIONAL

## A verdade acerca dos acontecimentos bulgaros

A opinião publica — alimentada pelas grandes o pequenas gazetas da burguezia — tem sido miseravelmente ludibriada em tudo quanto se refere aos terriveis acontecimentos, que ha cerca de dois annos se vêm desenrolando na Bulgaria.

Nosso dever consiste, pois, em rebater a falsidade fartamente espalhada pelo mundo e restabelecer, embora pouco a pouco, a verdade, para que as massas operarias e camponezas do mundo saibam do soffrimento inaudito, do inenarravel martyrio a que se acham submettidos seus irmãos, os operarios e camponezes bulgaros.

O actual governo da Bulgaria, chefiado pelo professor (!) Tzankov, subiu ao poder em julho de 1923, em consequencia de um golpe de Estado militar.

O governo de então era presidido pelo Sr. Stambulisky, chefe do partido agrario, o qual, bem como varios de seus ministros, foram assassinados na mesma occasião, ou depois.

Tzankov, instrumento da reacção militar mais brutal, tinha como ponto inicial de seu programma de governo o exterminio completo de toda independencia da classe trabalhadora, das cidades como dos campos.

O programma foi iniciado literalmente, a ferro e a fogo.

E a lucta, já se vê, tanto mais encarniçada e feroz tem sido quanto é certo que tem encontrado a mais legitima e decidida resistencia por parte da população obreira, especialmente visada.

Mas a reacção fascista de Tzankov não conhece limites nem escrupulos quaesquer.

Os agentes de Tzankov fazem espalhar pelo mundo que a resistencia dos partidos operario e agrario bulgaros obedece a instrucções de Moscou.

Para isto falsificam-se documentos, deslavadamente, [illegible] são elles apresentados [illegible] dos manejos dos agentes russos.

Alguns exemplos.

Sabemos, com absoluta certeza, muito ao contrario disso, que agentes do monarchismo russo, esses sim é que se acham envolvidos na sangueira bulgara — ao serviço de Tzankov e contra os trabalhadores.

Um desses agentes monarchistas, official do antigo exercito tzarista, encommendou, ha tempos, a uma typographia berlineza, 1.000 folhas de papel com o timbre da Internacional Communista.

Papel para a obra sinistra dos falsarios.

Aqui temos, frente aos olhos, a cópia de um desses papeis, annunciados na imprensa reaccionaria, como sendo "uma ordem secreta da III Internacional" intimando o P. C. bulgaro a desencadear uma insurreição no dia 15 de abril...

Sentimos faltar-nos espaço para reproduzir na integra esse notavel "documento"... da falsificação.

O timbre do papel diz o seguinte, no alto, á esquerda: "C. E. da I. C. (Desenho com a foice e o martello) — Secção Central do Departamento das Relações Exteriores — 12 de março de 1925 — N. 2.960 — Moscou". E á direita: "Proletarios de todos os paizes, uni-vos! — Estrictamente confidencial! - Destruir após execução!".

Mesmo desprezando-se os termos em que se acha vasado o documento, uma simples analyse revela, logo á primeira vista, o torpe embuste que é esse tal "documento".

A I. C. é uma instituição especificamente *internacional*. O facto della ter seu Comité Executivo na Russia não quer dizer que seja uma instituição *russa*. Ora, uma instituição *internacional* não pode ter um departamento das... "relações exteriores".

Coisa sem sentido. Relações exteriores com quem? Só se fosse com os habitantes de Marte...

Outro "descuido" dos falsarios. O documento — que foi publicado em clichê photographico — está escripto no russo mais puro (o official de Berlim!). Pois bem: em seu texto fazem-se recommendações no sentido de a "secção bulgara" servir-se da cifra do "Codigo Al. Z". Mas porque diabo o "grave e compromettedor documento" não estava escripto nesse tal "Codigo Al. Z"?

A falsificação é ahi de uma evidencia absolutamente indiscutivel.

Falsificação e ferocidade — estas duas palavras definem o regimen Tzancov.

Eis como o camarada bulgaro Kolarov resumia, ultimamente, a situação da Bulgaria:

"Um bando de financeiros e agiotas, de capitalistas e tubarões põe o paiz sob o tacão da reacção militar mais violenta. O lavrador e o artesão são espoliados, o operario e o funccionario são esfomeados. O poder fascista destruiu as organizações de massas dos trabalhadores e proclamou crime de alta traição toda resistencia ao arbitrio ou á exploração. As gréves, prohibidas, são tambem consideradas crimes. A cavallaria e as metralhadoras liquidam as gréves. Toda reunião de operarios ou de camponezes um pouco numerosa é qualificada como sedição; toda reunião privada, como *complot*. As prisões regorgitam de "sediciosos" e de "conspiradores". Elles são ahi torturados. São assassinados".

Vêde ainda este trecho da paizagem sanguinolenta:

"Uma clareira estendia-se sobre a margem direita do rio... Viam-se tres enforcados, pendurados nos braços dos platanos: um joven, um velho camponez, um "pope" (cura de aldeia). O vento soprava a barba do

O sinistro Tzankov

velho camponez, cuja face estampava um sorriso de estranha doçura... O pope tinha o peito descoberto, em cujas carnes se via uma cruz marcada a golpes de baioneta, coberta de sangue coagulado. Duas grandes moscas amarellas beliscavam a ferida espantosa".

E' assim que o "professor" Tzankov governa a infeliz Bulgaria, tudo em nome da "civilização", contra os perigos da "barbaria bolchevista"...

A proposito, vale a pena registrar alguns topicos das declarações do proprio P. C. bulgaro, o qual responsabiliza, peremptoriamente, a mesma reacção tzankovista por todos os acontecimento sque de ha dois annos a esta parte vêm sacudindo a terra infeliz da Bulgaria.

Diz a referida declaração, assignada pelo comité central do P. C. B.:

"Não o P. C. B., mas sim o governo Tzankov é o unico responsavel por tudo, com a sua execravel politica de provocação e violencia systematica. O P. C. B. não hesitou jamais em assumir a plena responsabilidade de seus actos. Elle declara categoricamente não ter jamais fixado qualquer data de insurreição, como se affirmou nos falsos documentos fabricados pelo governo de Sofia; não ter jamais decidido nenhum attentado; não ter jamais pensado em provocar uma intervenção estrangeira. Sua acção tende antes de tudo para o restabelecimento dos direitos e liberdades elementares das massas populares. E' a defesa dos interesses vitaes do povo pela acção das massas. Admittir a possibilidade desta acção seria a unica maneira de normalizar a vida politica do paiz. Não o pode fazer o governo Tzankov. O P. C. B. vê como saida da situação presente a quéda do ministerio Tzankov, a abolição de todas as leis extraordinarias, a libertação de todos os presos, a amnistia de todos aquelles que têm combatido o governo Tzankov, o castigo dos criminosos que desde o dia 9 de junho de 1923 têm feito correr o sangue do povo".

E assim termina a declaração:

"Nestes dias sangrentos, o P. C. B. está no seu posto. Elle appella para os operarios, camponezes e para todo o povo trabalhador afim de realizar este programma pela acção politica das massas".

Os operarios e camponezes do mundo inteiro devem ajudar os seus irmãos bulgaros no combate ás féras tzankovistas de Sofia.

CORINT.

## A Federação dos Trabalhadores da Terra e a situação italiana

A Federação dos Trabalhadores da Terra (Federterra tambem reduzida pela violencia fascista ás mais precarias possibilidades, foi a primeira organização italiana a soffrer a applicação da lei de Mussolini sobre o "controle" das organizações operarias. A... preferencia póde-se explicar do seguinte modo: embora reformistas como D'Aragona e consocios, os dirigentes da Federterra, Mazzoni, Altobelli, são neste momento anti-collaboracionistas — o que desencadeou a ira do duque Mussolini.

A Federterra é a typica organização do salariato agricola de Italia que soffreu, como todas as outras organizações operarias, a violenta rajada reaccionaria; e se de facto não mais existe, tem ainda grande influencia sobre as massas trabalhadoras dos campos. Esta federação foi sempre dirigida pelos reformistas, que nunca souberam agir, nem mesmo no momento do após-guerra, quando a massa dos trabalhadores agricolas de Italia, sangrando e cheia de odio contra a burguezia, estava possuida do necessario enthusiasmo para vencer as grandes batalhas, antes empenharam-n'a em combates locaes sempre evitando um alinhamento geral dos campenios italianos, capazes naquella emergencia de derribar de um golpe a burguezia agraria e os industriaes seus alliados.

Os trabalhadores agricolas salariados foram sempre na Italia victimas da mais deshumana exploração que imaginar se possa. Nenhum limite para o horario, salario mesquinho, alojamentos peores que os estabulos dos porcos.

Antes da conquista da liberdade de greve os camponezes italianos sustentaram com vigor numerosas e importantes luctas em Romagna. Movimentos estes que não lograram a sympathia dos reformistas, mas que conseguiram notaveis victorias e asseguraram a conquista da liberdade de greve. A's provocações dos agrarios, os operarios agricolas responderam com actos de sabotagem, incendiando estabulos, abandonando alhures o gado e a colheita, ajudados pelo proletariado industrial, que, em memoravel lucta, tomou o encargo de dar hospitalidade aos filhos dos camponezes afim de deixal-os livres para melhor luctarem contra os agrarios (proprietarios da terra). Luctas dolorosas, heroicas, em que o proletariado agricola italiano derramou o proprio sangue. Após a guerra o proletariado agricola melhorou grandemente as suas condições. Horario de trabalho, repartições de emprego, contractos agrarios, obtendo tudo isto por meio da greve, da occupação da terra, do desenvolvimento da [illegible]ação. O movimento dos camponezes dirigido por um partido revolucionario teria contribuido de modo decisivo para a posse do poder politico. Em vez disto, as provincias de Bologna, Ferrara, Ravenna, Novara, Pavia, Rovigo e outras que viram o grande alinhamento das massas insurrectas promptas para a batalha, e em um momento amortecido seu enthusiasmo pelo reformismo, vieram a soffrer as brutaes violencias fascistas, que a reduziram a uma escravidão muito mais dolorosa que a existente antes da guerra.

Para melhor comprehender a grande importancia do problema agricola e do papel que na Italia desempenham os camponezes offerecemos alguns dados estatisticos. A Italia tinha antes da guerra...victoriosa 28.661.000 hectares de territorio e cerca de 36 milhões de habitantes.

Superficie dividida segundo a altitude:

Planicie, 6.323.000 hectares — 22 %.

Collina, 11.826.000 hectares — 41 %.

Montanha, 10.512.000 hectares — 37 %.

A... victoria augmentou — com a miseria e a desoccupação — a população para cerca de 40 milhões e a superficie territorial para...... 31.661.000.

O terreno cultivado e productivo é de 25.363.000 hectares.

O terreno inculto, mas productivo, é de 1.035.000 hectares.

O terreno improductivo (estradas, edificações, agua), é de 2.263.000 hectares.

Em 1901, cerca de "dez milhões" de habitantes maiores de 10 annos trabalhavam na agricultura, "dois milhões" nas industrias e outros "dois milhões" nos transportes, communicações e varios serviços.

Decorridos dez annos, em 1911, os trabalhadores agricolas foram reduzidos cerca de um milhão, que passaram quasi todos ás industrias.

Notavel ainda foi a mudança no successivo decennio, comprehendido o periodo guerreiro: a introducção de machinas e o desenvolvimento das industrias diminuiram de modo sensivel o numero dos trabalhadores agricolas.

Hoje póde-se calcular a população trabalhadora italiana assim dividida:

| | |
|---|---|
| 1º — Agricultores e afins. . . . . . . . . . . . | 8.000.000 |
| 2º — Empregados nas industrias . . . . . . . . | 4.000.000 |
| 3º — Commercio e serviço publico. . . . . . | 800.000 |
| 4º — Transportes e communicação . . . . | 700.000 |
| 5º — Credito e seguro . . . . . . . . . . . . | 150.000 |
| 6º — Varios, . . . . . . . . | 1.250.000 |
| Total. . . . . . . . . . . . | 14.900.000 |

A divisão por categorias dos trabalhadores agricolas póde-se calcular aproximadamente deste modo:

| | |
|---|---|
| a) — salariados . . . . . . | 3.500.000 |
| b) — pequenos proprietarios. . . . . . . . . . . . | 2.000.000 |
| c) — "meeiros" e colonos. . . . . . . . . . . . | 1.400.000 |
| d) — rendeiros. . . . . . | 600.000 |
| e) — varios. . . . . . . . | 300.000 |
| Total . . . . . . . . . . . | 8.000.000 |

que sustentam não menos de ..... 20.000.000 de pessoas de suas familias respectivas.

54 % das pessoas são pois occupadas nos trabalhos da agricultura. Bastam esses dados para demonstrar a enorme importancia do problema agricola na Italia. A solução dos problemas inherentes á agricultura e ás relações existentes entre as categorias dos camponezes e entre estes e o proletariado industrial, torna-se mais complicada devido á enorme differença de cultura e modo de trabalho, que se reflecte nas relações com as outras categorias de trabalhadores. Procurar uma solução que ponha no mesmo nivel do resto da Italia a parte meridional, isto é a maior região da peninsula, eis o problema que vêm occupando a attenção de tres gerações de estudiosos.

A producção agraria do ante-guerra era avaliada em sete bilhões de liras. Destes sete bilhões 3 1|2, isto é a metade, eram fornecidos pela Italia Setemptrional, 1.400 milhões pelo centro e 2.100 pela parte meridional e pelas ilhas.

O numero dos hectares possuidos respectivamente pelos pequenos, médios e grandes proprietarios não está exactamente estabelecido. Mas é certo que existem na Italia cerca de tres milhões e meio de operarios agricolas salariados e tres milhões e seiscentos mil entre pequenos proprietarios e meeiros e colonos.

---

As organizações hoje existentes na Italia são: a "Federterra", que no passado chegou a reunir cerca de um milhão de socios — salariados, meeiros, pequenos proprietarios — reduzida hoje a pouquissimos socios, as corporações fascistas que têm coactivamente incorporado os camponezes após o terror e que se illudem quando dizem poder reunir na mesma organização os salariados, pequenos e medios proprietarios, os meeiros e os grandes proprietarios ou agrarios, isto é os que exploram os salarios e que têm subvencionado o fascismo afim de aterrorizarem a massa camponeza, cujos salarios actuaes querem reduzir de 3.000 liras annuaes para mil. Elles dizem claramente que de nada querem saber e emquanto mandam pregar a collaboração de classe, declaram e escrevem que pretendem por sua conta continuar a lucta. Existem tambem um "Partido do Camponezes"... apolitico — dos seus dirigentes um é philo-fascista e outro anti-fascista — e um Syndicato Catholico (Partido Popular). Estes dois organismos, pouco numerosos, agrupam pequenos proprietarios e meeiros, categorias muito numerosas e ás quaes o Partido Communista deve lançar uma attenção especial. Ha entre estes pequenos proprietarios, especialmente na Alta Italia, que devem trabalhar como animaes de carga durante a boa estação e emigrar no inverno afim de poder ganhar algum dinheiro para comer o resto do anno. Além disto, como brutal sobre-carga, a pressão fiscal do governo. Os meeiros têm visto peorar os contratos de trabalho de um modo escandaloso. Os pequenos proprietarios feitos durante a guerra, na época em que orçavam por alto preço as producções dos campos, adquiriram as terras por preços mui altos e para isto, além de empregarem as economias, contrairam emprestimos. Hoje baixa o preço da terra e os camponezes tornados pequenos proprietarios são constrangidos a vendel-a para saldar os debitos, sendo assim de novo lançados na categoria dos salariados, sob o peso das dividas e sem nenhuma das garantias anteriormente possuidas.

Ao desequilibrio financeiro e economico accrescente-se o grande numero de fallencias de bancos populares agricolas (Partido Catholico). Ultimamente, no Piemonte, a fallencia da empreza vinicola Calissano, que prejudicou consideravelmente todos os pequenos proprietarios da região — Em face do exposto facil é comprehender em que situação se encontra esta enorme massa de pseudos proprietarios.

Ha portanto possibilidade de um soerguimento rapido do movimento Não só nas localidades que já foram organizadas: Piemonte, Emilia, Toscana, mas tambem, na parte meridional e na Sicilia, onde existem grandes massas de operarios agricolas. As corporações fascistas agricolas, como a Federterra, commetteram o grande erro de não dar conta das differentes necessidades da massa agricola italiana. As primeiras em nome da collaboração, a segunda em nome de um falso conceito de unidade de classe, crêm na possibilidade de solução do problema, cujas condições de existencia ignoram.

Mas a realidade é outra. Impossivel é fazer agir conjunctamente diversas categorias de classe que têm problemas particulares a defender. Os pequenos proprietarios, por exemplo, teem no Estado e na usura privada seus inimigos especificos. Os meeiros se encontram em face do patrão em condições profundamente diversas das do salariado. A systemas tão dissemelhantes no processo de producção devem corresponder methodos de lucta tambem dissemelhantes. O conhecimento dessa differenciação póde conquistar á causa da revolução os pequenos proprietarios e os meeiros.

A situação geral e a politica do governo fascista offerecem a possibilidade de uma efficaz propaganda entre estas categorias que representam uma grande força, e de cujo despertar, após a rajada reaccionaria, já observamos os symptomas. Força destruida pelo pacifismo social-democrata, mas que por iniciativa do Partido Communista formará nas batalhas imminentes.

GIOVANNI GERMANETTO.

"A CLASSE OPERARIA"

Jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores

EXPEDIENTE

Redacção e administração:

Rua Marechal Floriano Peixoto, 172 — 1º andar

Endereço telegraphico: Klassop — Rio

Director responsavel

A. A. BRAZIL DE MATTOS

ASSIGNATURAS

| | |
|---|---|
| 12 mezes ........ | 8$000 |
| 6 mezes ........ | 4$000 |
| 3 mezes ........ | 2$000 |
| Numero avulso ...... | $100 |

As assignaturas começam em qualquer numero e são pagas adiantadamente.

## Nosso ponto de vista

Sob um certo aspecto, o operario está hoje em peor situação que o escravo de outr'ora, porque este tinha casa, comida e roupa, além de algum cuidado do seu dono que zelava nello o capital empregado.

O operario contemporaneo, não. Nada tem. Dão-lhe apenas uma diaria mesquinha, medida e calculada.

Se está doente, que não estivesse; quem precisa trabalhar não deve adoecer. Isto de doença é "sport" bom para rico. O patrão admitte o operario para trabalhar, não para adoecer. Nenhum capitalista póde vêr, com bons olhos, o operario parado, um minuto sequer; elle paga, por isso é trabalhar sempre, sempre. O operario tem de dar-lhe carne, ossos, tudo, até a alma; ser um moto-continuo, pois elle paga, e quem não concordar que vá embora, quando não é posto na rua como coisa inutil.

— Ah! — diz o pobre — mas eu tenho dez annos de casa!...

— Que tem isso? Aqui quem manda sou eu — diz o burguez, gordo e feliz. Isto de empregado antigo ou moderno não entra nos meus calculos.

E esse rei caricato mira, dos pés á cabeça o operario, e dá dois ou tres passos, e, cheio de emphase, aponta o portão, como quem enxota um cão da porta de seu lar.

O patrão quer que se trabalhe? Pois vamos trabalhar. Elle precisa construir dez palacios e fazer uma duzia de viagens ao redor do mundo; é preciso que trabalhemos 14 horas por dia para que, no fim do anno, haja um lucro, para elle só, de 120 o|o; nós não precisamos de nada; elle, coitadinho, é que necessita engordar mais um bocadinho.

Esta situação, porém, tem de terminar, mais dia, menos dia. Quando o operariado se compenetrar de seus direitos, nesse dia se fará uma transformação radical em toda a sociedade. O homem, em todos os continentes, nasceu nú; tudo que elle possue é da collectividade.

Quando o pobre comprehender que elle é um espoliado, que o patrão fica com os dividendos que por equidade lhe tocavam, elle mesmo irá, espontaneamente, alistar-se numa associação de espoliados.

O operariado representará, então, a torrente que, rebentando a represa, levará tudo de vencida.

RAMASIO BORBA.

## Comités da "A Classe Operaria"

Os companheiros da vanguarda da fabrica de tecidos do Moinho Inglez formaram o "Comité" n. 5 da "A CLASSE OPERARIA".

Os passageiros operarios da E. F. Rio d'Ouro e Linha Auxiliar formaram o "Comité" n. 6 da "A CLASSE OPERARIA".

O companheiro José Casini acaba de communicar-nos ter fundado em Nictheroy o COMITE' Nº 7 Pró-A CLASSE OPERARIA. O thesoureiro é o camarada João Menezes.

A todos esses companheiros "A CLASSE OPERARIA" saúda e agradece.



## Aos jovens operarios

Na sociedade capitalista somos os mais explorados. Desde a nossa infancia ella arrasta-nos para as officinas onde, sem hygiene e sem conforto, somos obrigados a executar trabalhos pesadissimos, superiores ás nossas forças, em troca de um salario irrisorio que mal chega para as nossas necessidades.

Quantos de nós, ao attingir a maioridade, são atirados a uma cama, em consequencia da tuberculose adquirida nas fabricas ou nas officinas?! E isto porque, até hoje, nós, os jovens, não nos temos preoccupado com a nossa sorte.

Este desinteresse não pódo continuar, companheiros!

Sentimos que somos explorados, brutal e desenfreadamente.

Comprehendemos que, se não fossemos atirados ás fabricas, uma idade em que deviamos estar nas escolas, não morreriamos tão rapidamente.

Sabemos já que os patrões se servem de nós para baratear a mão de obra, auferindo, portanto, maiores lucros. E por que não nos organizamos em juventudes operarias? Por que não acompanhamos o proletariado em geral na lucta pela conquista de seus direitos?

Precisamos luctar com o ardor que caracteriza os jovens. Temos o dever de melhorar as nossas condições de vida.

Formemos, pois, as juventudes operarias!

JOVENS OPERARIOS.

## Tão claro e tão profundo

O ideal literario da A CLASSE OPERARIA é tornar-se um rio claro e profundo. Tão claro, tão limpido, tão accessivel ás massas. Tão profundo, tão substancial. Rio de aguas revoltas a rolar para o grande oceano da transformação social!...

## Cresce a consciencia dos trabalhadores

A Sociedade de Resistencia Protectora dos Operarios de S. Felix, na Bahia, enviou-nos uma saudação assignada pelos companheiros Amaro Pedro da Silva e Manoel Antonio da Conceição, respectivamente, presidente e secretario. A saudação vinha acompanhada da importancia de 50$000.

A Sociedade União de Defesa Operaria de Muritiba enviou-nos réis 50$000.

Os companheiros de Victoria, Espirito Santo, 150$000.

O companheiro Souza Lima, de Sertãozinho, Estado de S. Paulo, 94$, mais 126$000.

Os de Ribeirão Preto, 79$000. Os de Catanduva, 70$000.

Gratos, saudamos todos os trabalhadores do Brasil, que têm uma vanguarda de luctadores conscientes.

## Leituras para trabalhadores

PARA AS MASSAS

| | |
|---|---|
| Evangelho dos livres.......... | $200 |
| Programma da I. S. V. (em hespanhol) ............... | 1$200 |
| Tres annos de luta da I. S. V. (em hespanhol) .......... | $200 |

PARA A VANGUARDA

| | |
|---|---|
| Anarchismo e communismo — Bukharine ................ | $200 |
| Manifesto de Marx — Engels. | $500 |
| Russia Proletaria ......... | 3$000 |
| Revista do I'. C. — cada n. e $500. | $300 |

Pedidos, acompanhados da respectiva importancia, a A. A. Brazil de Mattos — rua Marechal Floriano Peixoto n. 172, 1º andar — Rio de Janeiro.



## Festival em prol da "A Classe Operaria"

Promovido pelo "Grupo Editor Voz Cosmopolita", será realizado, brevemente, um grande festival em beneficio da A CLASSE OPERARIA, no salão do Centro Cosmopolita.

No numero a seguir será dado, na integra, o programma deste grande festival, que se comporá de numeros especiaes no palco, uma conferencia, recitativos, baile familiar e outras surpresas.

Esperamos que todos os trabalhadores dispensarão o maior esforço para que este festival tenha o successo necessario a tão util obra.

# ADMINISTRAÇÃO

### SUBSCRIPÇÃO PERMANENTE

Lista 119: José A. Rodrigues, 10$; Gaspar da Rocha, 5$; Armando T. da Silva, 5$; José M. da Rocha, 5$; Santos Fernandes, 4$; Antonio G. Moreira, 2$; Manoel F. Gomes, 5$; Francisco, 2$. Total, 39$000.

Lista 165: Salgado Sabache, 10$; José de Castro, 5$; Lisboa, 5$; Francisco de C., 5$; João A. de Carvalho, 5$; Um militante, 5$; José A. de Sá, 1$; Amadeu, 5$; Francisca da Guia, 5$; Outro militante, 2$; Antonio da C. Ferreira, 5$. Total, réis 53$000.

Lista 142: Alfredo Silva, 2$; Ernandes Silva, 5$; Antonio Couto, 5$; Octaviano, 3$; Arnaldo Campos, 3$. Total, 18$000.

Lista 65: Alvaro Teixeira, 10$; Durval Cintra, 5$; Emelio Giovanni, 10$; Eugenio Monteiro, 5$; João Roxinho, 2$; José Abreu, 2$; Adolpho Oslegher, 10$; Trindade, 5$. Total, 49$000.

Lista 67: Carlos, 10$; Santos, 5$; Custodio, 5$; Alarico Rodrigues, 5$; Custodio, 2$. Total, 27$000.

Lista 20: A. J. Guerreiro, 5$; Luiz da Silva, 5$; Alfredo Martins Filho, 5$; José Casini, 2$. Total, 17$000.

Lista 9: José Callijão, 5$000.

Lista 466: Hippolito S. Hermida, 10$; José D. Gonzalez, 5$; João A. Ribeiro, 3$; Antonio Gomes, 2$; Verissimo da Costa, 2$; Antonio J. de Souza, 2$; Antonio J. Ribeiro, 2$. Total, 26$000.

Lista 197 (avulsos): Anonymo da C. Civil, 2$; Amaro Pedro da Silva (S. Felix), 50$; J. M., 1$; L. M., 11$; Anonymo, 3$; J. Oliveira, $800; typographos e impressores da "Gazeta Theatral", 6$500; dia de trabalho mensal de Joaquim Noveiro Coelho, 7$; Idem, José Roberto, 4$; idem, Antonio Seraphim, 8$; Magalhães (quota semanal), 1$000; Dalla Déa, 1$; Medina, 1$; Othon, 1$; Rodrigues, 1$; Alfredo dos Santos, 1$; Barros, $500; Affonso, $500; Vieira, $500; Maximiano Bastos, $500; Costa, $500; Waldemar, $500; Deodoro, $500; Capellani, $500; Eugenio, $500; Agenor, $500; Guilherme, $500; Conrado, $500; Leal, $500; Tertuliano, $500; Frederico, $500; Schmidt, $500; Maia, $500; Christo, $500; Carvalho, $500; Raul Menezes, $500; João Bastos, $500; Olympio, $500; Jorge Costa, $500; Godofredo, $500; Pennafort, $500; Nelson, $500; Menezes, $500; Ricardo, $500; Gabriel, $500; Paiva, $500; Abdon, $50; Heitor Sodré, $500; Sarmento, 1$. Total, 118$300.

Se, 15 dias depois da publicação, não tiver surgido reclamação alguma, rasgaremos as listas, pois não queremos transformar-nos em colleccionadores de fosseis.

### ASSIGNANTES

228, Albino Soares, 2$; 229, União Internacional das Cooperativas, 8$; 230, Lamas, 8$; 231, João Raposo, 4$; 232, Getulio dos Santos, 4$; 233, Abel Mendes, 4$; 234, Leonel Ferrão, 4$; 235, Anacleto Baptista Marques 4$; 236, Caixa Auxiliadora dos Lavradores, 8$; 237, Manoel Carvalhaes, 4$; 238, Caixa Beneficente Limpeza Publica, 4$; 239, Pinheiro & Lago, 2$; 240, Aristomenes Meirelles, 8$; 241, Herminio Borges, 8$; 242, Aureo Gonçalves, 8$; 243, Geraldo Miguez, 8$; 244, Solly Antunes, 8$; 245, Tercio Santos, 8$; 246, Persio Nascimento, 8$; 247, Alarico Rodrigues, 8$; 248, João B. Silva, 8$; 249, Custodio Quintas, 8$; 250, J. P. S. Porto, 8$; 251, João Narciso, 4$; 252, Roldão Martins, 4$; 253, Lourival Santos, 4$; 254, Oscar Rodrigues, 4$; 255, Nelson Pinto Costa, 4$; 256, Renato Dias, 2$; 257, Carlos Gonçalves, 4$; 258, Manoel Baptista de Carvalho, 2$; 259, Luiz Meira, 2$; 260, Amaro Silva, 4$; 261, Camillo Alves Mendonça, 2$; 262, Federação Operaria Mineira, 2$; 263, Lazaro Chumer, 8$; 264, Manoel Cassoy, 8$; 265, Samuel Bagritchevsky, 8$; 266, D. Cassol e Bejman, 8$; 267, Genarini e Paschoal, 8$; 268, H. Milion, 8$; 269, Manoel Sulle, 4$; 270, José Nery, 4$; 271, Manoel Martins, 4$; 272, Orlandino Costa, 8$; 273, Anacleto Cruz, (Sertãozinho), 8$; 274, Auro Marques, 8$; 275, Balduino F. Matta, 8$; 276, João Moreira Junior, 8$; 277, Virgolino de Sá Pereira, 8$; 278, Placido Santo, 8$; 279, João Adami, 4$; 280, João Carneiro, 4$; 281, Francisco Franklin de Souza, 4$; 282, Irineu Pereira de Souza, 4$; 283, Sardek Ibrahim, 4$; 284, Hambleto Martell, 4$; 285, Carlos Carvalho, 4$; 286, Arthur Maranorista, 4$; 287, Angelo Pissamiglio, 4$; 288, Argemiro Siqueira, 2$; 289, Armando Chiarate, 4$; 290, Frederico Deling, 4$; 291, João Sarte, 4$; 292, Eugenio Vianello, 4$; 293, Pedro Siqueira Martins, 4$; 294, Miguel Sanches, 4$; 295, Marcello Benassi, 4$; 296, Benedicto de Carvalho, 4$; 297, José Ran, 4$; 298, Francisco Sora, 4$; 299, João Maximini, 4$; 300, A. Augusto Almeida, 4$; 301, José Gil Nunes, 4$; 302, Antonio Martins, 8$; 303, Paulo Lima (Quebrangulo), 4$; 304, Moysés Leão, 4$; 305, José Baptista do Nascimento, 2$; 306, José Augusto da Costa, 4$; 307, Joaquim Francisco de Souza, 4$; 308, Victorino Correia, 8$; 309, Antonio de Souza Filho, 2$; 310, Antonio de Oliveira Pinto, 8$; 311, Armando dos Santos Loureiro, 8$; 312, João Ferreira de Freitas, 8$000.

Afim de reduzir o papelorio ao minimo a simples publicação do nome do assignante substituirá toda a trabalheira dos recibos.

Quando os assignantes não receberem o jornal, devem reclamar ao correio.

### BALANCETE

Receita: total das listas acima 352$300; total das assignaturas acima 448$; venda, nos "pontos" do Rio, de 1.123 exemplares do n. 6, a 60 réis, 67$400; venda dos "comités" do Rio, 268$000; venda dos Estados, 91$. Total: 1:227$600.

Despeza: deficit anterior 119$900; sellos, 10$300; pennas e mataborrão, 1$600; annuncio em "A Vanguarda", 25$; carreto 5$; registro do endereço telegraphico 25$; expedidor, 20$; carreto da expedição, 3$; aluguel de junho da redacção, 100$; viagens extraordinarias, 4$; composição e impressão do n. 7, 400$; duas bobinas de papel para o n. 7, 416$. Total, 1:335$800.

Resumo:

| | |
|---|---|
| Receita. . . . . . . . . . . . | 1:227$600 |
| Despeza. . . . . . . . . . . . | 1:335$800 |
| Deficit. . . . . . . . . . . . | 108$200 |

### AOS QUE RECEBEREM O JORNAL

Todos quantos receberem o jornal e não o tiverem devolvido serão considerados assignantes. Assim, queiram pagar a assignatura o mais breve possivel.

### AOS ENCARREGADOS DE LISTAS

Queiram devolvel-as, o mais breve possivel.

### AOS PACOTEIROS DO RIO

As contas devem ser prestadas todas as semanas.

### AOS PACOTEIROS DOS ESTADOS

As contas devem ser prestadas de 15 em 15 dias.

### VENDEDOR AVULSO

Daremos um livro de premio ao companheiro ou ao grupo que maior numero de jornaes vender em junho.

### REMESSAS

Devem ser feitas em vale postal, registrado com valor ou cheque do Banco Commercial do Estado de São Paulo, para A. A. Brasil de Mattos, rua Marechal Floriano n. 172, 1º — Rio de Janeiro.

### NOSSO CORREIO

**Villanova** — Envie o saldo existente. Como fez, desorganiza o nosso serviço.

**Serra, Luiz de Castro, João Menezes, Isauro, Cataldo, Capilongo, Nereu, Romiro, Cédio, Anacleto Machado, Manoel Martins, Jablonsky, Blanck, Faustino, Umberto, Manjon, Olider, Argollo, Duran, Baptista Ferreira, Branco, Americo Ferreira, Amaro Ribeiro, José Pereira, Roberto e Seanho** — Pedimos a fineza de devolverem-nos as listas.

## A VANGUARDA E A MASSA

Juiz de Fóra apenas nos auxiliou até hoje com 20$. No emtanto, Victoria já nos enviou 156$ e Sertãozinho 235$. Isto mostra o pouco interesse dos companheiros de Juiz de Fóra.

Ha pessoas que, nada fazendo pelo jornal, esperam que elle morra, para, então, dizer:

— Logo vi. Não podia ir para a frente...

A estes cavalheiros — servidores directos ou indirectos da burguezia — devemos dizer:

— Percam toda a esperança, Cassandras de fancaria: o jornal não morrerá! Quando as finanças forem mal, reduzil-o-emos á metade, reduzil-o-emos a um quarto, a um oitavo, a um jornalzinho. Mas A CLASSE OPERARIA sairá, porque A CLASSE OPERARIA não póde morrer. No maximo, ella poderá interromper a publicação por um mez ou dois. Mas, esperamos que isto nunca succederá. A CLASSE OPERARIA ha de cumprir sua missão historica, ha de viver até no dia da transformação social: tal é a nossa firme vontade. Percam, pois, toda a esperança, senhores lacaios da burguezia!

E' preciso tratar dos comités e dos festivaes.

Continuando o déficit, ver-noshemos obrigados a reduzir o jornal a 2 paginas.

Avisamos em tempo, porque, na hora em que sair o jornal assim, não admittiremos reclamação de ninguem.

Não temos mina de ouro

## SPORT OPERARIO

E' innegavel que o foot-ball não se tenha enraizado, e tomado a dianteira aos demais sports, tanto no Rio, como em S. Paulo, e nos outros Estados. Mas, como em tudo, no actual regimen, os sports em geral são manejados e dominados pela classe capitalista em detrimento da classe operaria.

Actualmente a classe patronal do Rio conseguiu por meio do football que os seus operarios organizassem encontros sportivos, facilitando-lhes alguns meios para se distrairem.

Podemos citar entre outros os industriaes em calçados que aceitavam que os seus operarios jogassem com outros operarios de outras casas.

Sabeis, operarios sportistas quaes os seus intuitos? E' muito facil saber, contando-vos casos concretos.

Eil-os:

Dentro da Fabrica, ou na hora do almoço o assumpto predilecto é o foot-ball, e emquanto perdeis um tempo precioso a discutir este assumpto deixaes de tratar do que mais vos interessa, como seja, a organização do vosso syndicato, as melhorias nas condições de vida, etc. Outro facto: Emquanto a burguezia se fortifica, vós vos dividis. Não continueis a aceitar o auxilio da classe patronal para praticar o sport. Acontece que, ao ser promovido um encontro de foot-ball entre os operarios de uma fabrica, com os de outra fabrica originam-se, com o enthusiasmo de vencer o adversario, muitas rivalidades pessoaes, das quaes se aproveita o patrão, porque, emquanto os operarios se dividem, naturalmente, elles ficam contentes; porque assim os seus operarios não irão á sua corporação, discutir e approvar as reivindicações a que têm direito os trabalhadores. Pelas razões que apresentamos, é forçoso que todos os trabalhadores comprehendam o seu papel na vida, tanto na sua corporação, como no seu partido, (o partido dos trabalhadores) não servindo de bonecos nas mãos da classe capitalista, que vos divide para assim poder enfraquecer-vos.

Companheiros sportistas, ingressai na vossa corporação e defendei bem alto o nome do proletariado pelo vosso jornal A CLASSE OPERARIA nas fabricas ou onde estiverdes. — HERCULES.